

Orquidário



R 24

Volume 6, No. 4, 1992
Outubro a Dezembro

INDICE

Textos

- 132 - Editorial
133 - DAVIES, Paul H. - *As aparências enganam...*
136 - BRITTO PEREIRA, Carlos E. de - *A Contribuição dos Naturalistas Europeus para a orquideologia brasileira.*
142 - Nosso próximo número.
143 - Ensaio Fotográfico.
145 - CARVALHO E SILVA, F. de S. & Sérgio P. - *Uma nova doença das orquídeas.*
149 - BARROS, F. & CATHARINO, L.E.M. - *Chaubardia klügii.*
150 - CASTRO NETO, V.P. & CAMPACCI, M.A. - *Um novo Oncidium.*
152 - GRUSS, Olaf - *Novos Sapatinhos de Vênus. Final.*
154 - MESQUITA, R. - *Anotações sobre Cultivo.*

SEÇÕES

- 156 - *Perguntas e Respostas.*
159 - *Pelas Livrarias.*
160 - *Concurso de Fotografia e Desenho.*

ILUSTRAÇÕES

- Capa - DAVIES, Paul H.
133/135 - DAVIES, Paul H.
136/8/9
140/1 - BARBOSA, Paulo e BRITTO PEREIRA, C.E.
142/3 - BERNADOCHI, Gilson Tadeo.
145/7 - CARVALHO E SILVA, F.
149 - Não identificado.
151 - CAMPACCI, M.A.
152 - FROSCH, Werner
156 - MESQUITA, Heloisa.
160 - FERNANDES, Valentim T.
4ª Capa - BERNADOCHI, Gilson T.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º R. 24

Obra n.º

msn

Bibliotecário

Neste Número

A presente edição, que encerra o ano orquidófilo de 1992, traz nas suas Capas fotos de orquídeas pequenas, simbolizando a simplicidade e humildade da festa de Natal, mas de extraordinária beleza. Apresentamos, também, textos importantes, como a descoberta de espécie nova e de ocorrência, nova, de espécie, até aqui, tida como exótica. Há, também, a alarmante descoberta e relato de uma nova e grave doença das orquídeas. Além disso, os textos de duas palestras de sócios nossos proferidas no exterior. A primeira delas é de Carlos Eduardo de Britto Pereira, em Viena, na Áustria, no contexto do 4º Encontro Anual da Sociedade para a História da História Natural, ocorrido entre 3 e 8 de novembro de 1992, e que desta vez teve por tema "A Exploração e Descoberta da América como Captadas pela História Natural", comemorando, assim, o 5º Centenário da descoberta da América, 1492/1992. A outra palestra é do nosso Presidente, lida em Montecarlo, Provincia de Misiones, na Argentina, por ocasião da Festa Nacional das Flores, também no mês de outubro.

O ano está morto... Viva o novo ano !

Creio que não seria exagero da minha parte, dizer que o ano de 1992 foi bastante tumultuado, mas não apenas entre nós, no Brasil. Parece até que começamos, todos que habitamos este planeta, a viver já o clima pesado que marca todos os fins de século.

O que tem as orquídeas a ver com isto? Tudo, pois elas, como nós, também vivem nesta terra tão conturbada, mas nos servem de alento, com suas força e capacidade de sobreviver e de se adaptar, por vezes, a condições das mais adversas.

Estou tentando transmitir uma mensagem de paz e tranquilidade, pois a época é própria para isso, mas vejo que minhas palavras iniciais ainda estão carregadas das tensões e preocupações que cercaram este ano que está terminando.

Fazendo, porém, o balanço que se costuma fazer nestas ocasiões do ano, forçoso é reconhecer que coisas muito importantes aconteceram à orquidofilia brasileira. Vejamos: em outubro passado tivemos a confirmação, dada em reunião plenária do Trust of the World Orchid Conference and Show, da realização, aqui no Brasil, da 15ª WOC, a cumprir-se em 1996, como já amplamente divulgado. Com isto, a responsabilidade, agora, é nossa, de nos prepararmos para bem executar esse grande evento, mostrando todo o potencial da nossa orquidofilia.

No plano interno, tivemos uma série de boas exposições, como a que a OrquídaRio realizou, em novembro, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mais uma exposição anual, que foi, unanimemente, considerada a melhor da sua história, pelo nível dos estandes e das plantas expostas, como, ainda, pela organização administrativa, que soube superar os inevitáveis problemas de última hora que sempre surgem nessas ocasiões. Aspeto importante, este ano, foi o Julgamento. Ano passado fiz menção ao curso de formação de Juizes que estávamos iniciando, com o propósito de formar novos julgadores, de nível internacional, que irão representar o Brasil nas exposições Internacional, de 1994, e Mundial, de 1996, que serão realizadas, aqui, no Rio. O desempenho desses novos julgadores, nas exposições do Rio e de São Paulo, foi excelente, sobretudo porque foi possível contar, também e como parte do treinamento, com renomados Juizes internacionais. Tudo isto demonstra o crescente aprimoramento da orquidofilia brasileira, o que ficou mais saliente neste ano de 1992.

O ano de 1992 foi também premiado com o surgimento de mais uma publicação da OrquídaRIO, de nível internacional, PULCHRA, que pretende ser o registro seletivo de cada ano orquidófilo no Brasil. Foi um primeiro passo, um esforço memorável, que, posso garantir, será seguido por um nº 2, ainda melhor, como, em breve, todos estarão vendo.

No plano internacional, o ano será lembrado pela sucessão de tragédias que se abateram sobre a orquidofilia norteamericana. Todos leram as notícias sobre os imensos estragos que causou, na Flórida, o furacão Andrews, mas poucos podem avaliar a extensão das perdas que ocasionou aos orquidários daquela região. Tive o pesar de, viajando para a Califórnia, fazer uma escala em Miami, logo após a passagem do furacão: jamais poderia imaginar a extensão da destruição se não a tivesse visto. Alguns orquidários tiveram perdas parciais, mas empresas como Soroa Orchids perderam absolutamente tudo. Os que visitaram, em São Paulo, a 1ª **Expointer** estarão lembrados dos excepcionais *Phalaenopsis*, ali exibidos, por Jose Esposito, um dos proprietários daquele orquidário, trabalho de uma vida. Por infelicidade, a violência maior do furacão atingiu as estufas, só se salvando uma ínfima quantidade de plantas. Fiquei sabendo, agora, que as estufas já estão reconstruídas e tenho a firme convicção de que, dentro em breve, tudo se terá normalizado. Foi uma grande tragédia, mas é, também, uma enorme lição de coragem e determinação, como de amor às orquídeas.

Que esta dura experiência nos sirva de exemplo, nesta virada de ano, e nos ajude a, com a mesma coragem e determinação, fazer progredir a orquidofilia brasileira na direção da grandeza.

Quero, em nome da Diretoria e no meu pessoal, desejar a todos os nossos sócios e amigos que tenham, pelo Natal e durante o ano de 1993, paz e tranquilidade e que obtenham os êxitos que almejam.

Roberto Agnes

O ano está morto... Viva o novo ano !

Creio que não seria exagero da minha parte, dizer que o ano de 1992 foi bastante tumultuado, mas não apenas entre nós, no Brasil. Parece até que começamos, todos que habitamos este planeta, a viver já o clima pesado que marca todos os fins de século.

O que tem as orquídeas a ver com isto? Tudo, pois elas, como nós, também vivem nesta terra tão conturbada, mas nos servem de alento, com suas força e capacidade de sobreviver e de se adaptar, por vezes, a condições das mais adversas.

Estou tentando transmitir uma mensagem de paz e tranquilidade, pois a época é própria para isso, mas vejo que minhas palavras iniciais ainda estão carregadas das tensões e preocupações que cercaram este ano que está terminando.

Fazendo, porém, o balanço que se costuma fazer nestas ocasiões do ano, forçoso é reconhecer que coisas muito importantes aconteceram à orquidofilia brasileira. Vejamos: em outubro passado tivemos a confirmação, dada em reunião plenária do Trust of the World Orchid Conference and Show, da realização, aqui no Brasil, da 15ª WOC, a cumprir-se em 1996, como já amplamente divulgado. Com isto, a responsabilidade, agora, é nossa, de nos prepararmos para bem executar esse grande evento, mostrando todo o potencial da nossa orquidofilia.

No plano interno, tivemos uma série de boas exposições, como a que a Orquidário realizou, em novembro, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mais uma exposição anual, que foi, unanimemente, considerada a melhor da sua história, pelo nível dos estandes e das plantas expostas, como, ainda, pela organização administrativa, que soube superar os inevitáveis problemas de última hora que sempre surgem nessas ocasiões. Aspeto importante, este ano, foi o Julgamento. Ano passado fiz menção ao curso de formação de Juizes que estávamos iniciando, com o propósito de formar novos julgadores, de nível internacional, que irão representar o Brasil nas exposições Internacional, de 1994, e Mundial, de 1996, que serão realizadas, aqui, no Rio. O desempenho desses novos julgadores, nas exposições do Rio e de São Paulo, foi excelente, sobretudo porque foi possível contar, também e como parte do treinamento, com renomados Juizes internacionais. Tudo isto demonstra o crescente aprimoramento da orquidofilia brasileira, o que ficou mais saliente neste ano de 1992.

O ano de 1992 foi também premiado com o surgimento de mais uma publicação da Orquidário, de nível internacional, PULCHRA, que pretende ser o registro seletivo de cada ano orquidófilo no Brasil. Foi um primeiro passo, um esforço memorável, que, posso garantir, será seguido por um nº 2, ainda melhor, como, em breve, todos estarão vendo.

No plano internacional, o ano será lembrado pela sucessão de tragédias que se abateram sobre a orquidofilia norteamericana. Todos leram as notícias sobre os imensos estragos que causou, na Flórida, o furacão Andrews, mas poucos podem avaliar a extensão das perdas que ocasionou aos orquidários daquela região. Tive o pesar de, viajando para a Califórnia, fazer uma escala em Miami, logo após a passagem do furacão: jamais poderia imaginar a extensão da destruição se não a tivesse visto. Alguns orquidários tiveram perdas parciais, mas empresas como Soroa Orchids perderam absolutamente tudo. Os que visitaram, em São Paulo, a 1ª **Expointer** estarão lembrados dos excepcionais *Phalaenopsis*, ali exibidos, por Jose Esposito, um dos proprietários daquele orquidário, trabalho de uma vida. Por infelicidade, a violência maior do furacão atingiu as estufas, só se salvando uma ínfima quantidade de plantas. Fiquei sabendo, agora, que as estufas já estão reconstruídas e tenho a firme convicção de que, dentro em breve, tudo se terá normalizado. Foi uma grande tragédia, mas é, também, uma enorme lição de coragem e determinação, como de amor às orquídeas.

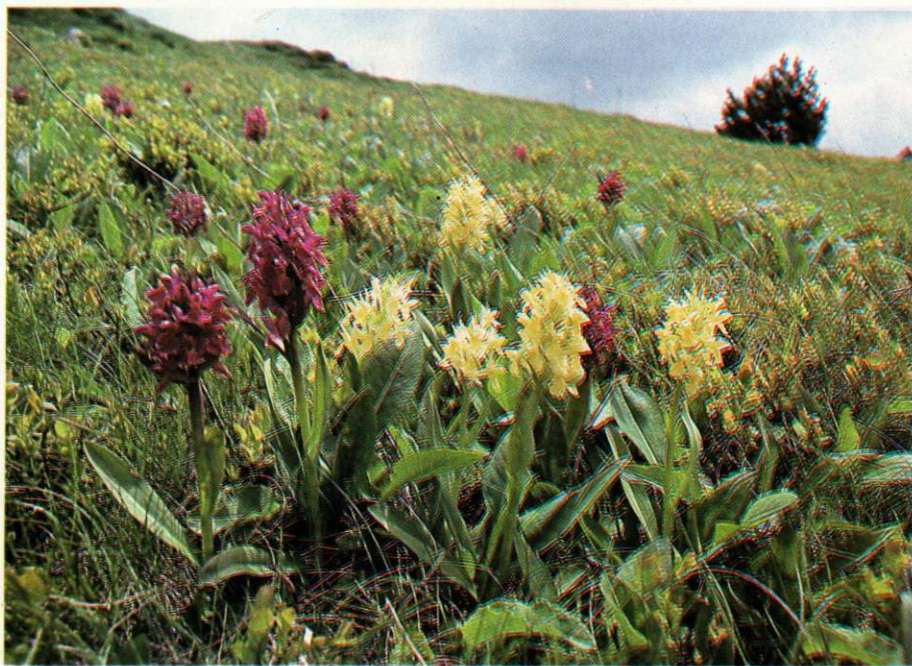
Que esta dura experiência nos sirva de exemplo, nesta virada de ano, e nos ajude a, com a mesma coragem e determinação, fazer progredir a orquidofilia brasileira na direção da grandeza.

Quero, em nome da Diretoria e no meu pessoal, desejar a todos os nossos sócios e amigos que tenham, pelo Natal e durante o ano de 1993, paz e tranquilidade e que obtenham os êxitos que almejam.

Roberto Agnes

As Aparências Enganam...

Paul H. Davies



Dactylorhiza sambucina
Um exemplo da floração abundante dessas
orquídeas nos campos da Europa.

Até parece coisa de ficção científica, uma flor possuindo um sistema one-way de fertilização por certa espécie de abelha (em que um dos participantes recebe alguma coisa, sem dar nada em troca) e, ainda por cima, possuindo janelas iluminadas para guiar o polinizador... Nessa mesma imensa Família, existem flores que explodem quando um inseto, de tamanho certo, as visita, ejetando nesse momento uma massa de polens que adere ao inseto estupefato com o que poderíamos chamar de versão botânica da cola "superbonder". Na Austrália, foi descoberta, por acaso, uma espécie que floresce debaixo da terra, passando-se anos, entre cada floração.

Não é difícil de imaginar que as plantas, acima mencionadas, pertencem à família das orquídeas; a final, formas e comportamentos extravagantes parecem ser sua marca registrada. Todavia, mesmo nessa família, famosa por seu exotismo, existe um gênero que parece ter desenvolvido estratégias bastante bizarras para assegurar a sua perpetuação.

Charles Darwin era um pensador *par excellence* - pássaros, criaturas e flores pareciam se inserir perfeitamente em seu revolucionário esquema evolucionista. No entanto, uma planta conhecida por ele desde a sua infância, originária da parte sul da Inglaterra, o intrigava: a "orquídea abelha". Essa espécie possui uma terceira pétala, ou labelo, com formato completamente diferente das outras duas, exibindo, neste caso, uma fantástica semelhança com o corpo de uma pequena abelha, completo, com marcações de tufo de pêlos e as duas outras pétalas parecendo-se com as antenas do inseto. Para Darwin existia um sentido para tudo, contudo, essa planta nada parecia ter a ver com insetos - devia ser autógama.

A "orquídea abelha" (*Ophrys apifera*), endêmica de brejos calcários é bem conhecida na Europa e faz parte de um número grande de espécies cujas flores mimetizam insetos, todas do gênero *Ophrys*. O nome deriva de palavra grega, que quer dizer *sobrancelha* (uma referência direta aos pêlos existentes no labelo). Existem, somente, três outras

espécies deste tipo na Grã-Bretanha, a "orquídea aranha", precoce, e a "orquídea mosca", tardia. No Mediterrâneo europeu elas são encontradas em profusão. Tentar dar um número exato da quantidades das espécies existentes é quase impossível. Pequenas diferenças em suas flores causam divergências acirradas entre os botânicos, bastando dizer que o número fica acima de cinquenta espécies.

O mistério dessas plantas foi primeiro investigado pelo então presidente da Corte de Apelações de Algiers, na França, Marcel Pouyanne, que, durante suas horas de lazer, estudava essas orquídeas e as pequenas abelhas e marimbondos que as visitavam. Em 1916, ele publicou os resultados desses estudos e das experiências por ele feitas, formulando a hipótese de abelhas machos serem atraídas à janela lustrosa do labelo da "orquídea espelho" (*Ophrys vernixia*), por confundi-lo com as asas da abelha fêmea. Ele observava que as abelhas machos emergem da colmeia um pouco antes que as fêmeas e acabam sendo atraídas pelas flores. Uma experiência, engenhosamente simples, foi a de colocar um molhe de "orquídeas-abelha" amarelas dentro de um jornal - percebeu ele, então, que os insetos continuavam a ser atraídos, mesmo sem ver as flores. Mais importante, ainda, foi a descoberta de que essa atração era idêntica mesmo quando havia abelhas fêmeas por perto.

Pouyanne chegou à conclusão de que o fator olfato devia exercer um papel importante nessa atração.



Ophrys vernixia. Em livros antigos era tratada como *O. speculum* (speculum, significa espelho). Parece que o espelho procura mimetizar o reflexo das asas das fêmeas dos seus polinizadores.

Anos de estudo, realizados pelo Prof. Bertil Kullenberg e seus colegas do Centro de Pesquisas Odland, da Universidade de Uppsala, permitiram, por fim, juntar todos os fragmentos desse intrigante quebra-cabeça.

Todas as espécies de *Ophrys* parecem produzir um odor, quase que imperceptível ao olfato humano, gerando o mesmo efeito nas abelhas machos que os atrativos sexuais, ou feromônios produzidos pelas abelhas fêmeas. Mais impressionante ainda é o fato de que cada espécie de "orquídea abelha" tende a atrair uma espécie de polinizador (ou uma variedade muito limitada) e que esses insetos mostram um grau de fidelidade muito elevado a certo tipo de flor, o que explica a relativa raridade de híbridos naturais dentro do gênero. O Prof. Kullenberg e sua equipe conseguiram extrair e analisar esses odores para decifrar a "receita" de cada espécie. A equipe filmou e mapeou a trajetória dos insetos, como também estudou o comportamento dos insetos quando faziam contato com a flor.

Inicialmente, os insetos localizam as flores atraídos pelo odor, mas, ao chegar perto, a atração é exercida pela forma exagerada da flor e pela pilosidade do labelo que se assemelha à de uma fêmea. O inseto despertado pelo perfume, aterrissando no labelo e, dependendo da espécie, se posiciona de cabeça, para baixo ou para cima, na tentativa de copular com a flor - a isto se chama de *pseudocopulação*. A pesar de a superfície parecer ter todas as formas certas, o inseto logo percebe que algo está errado e, em estado de agitação, começa a se movimentar em cima do labelo, mordendo-o ocasionalmente, até desistir. Medições micrográficas dos pelos na superfície do labelo mostraram que comprimento e diâmetro são quase idênticos aos da abelha fêmea: mais um refinamento sutil da flor em sua tentativa de enganar o inseto polinizador.

A movimentação do inseto acaba por soltar a polínia - que tem uma cola de secagem rápida na parte inferior. O inseto, então, deixa a flor com essa polínia presa em sua cabeça ou no abdome e, ao repetir o processo na próxima flor, acaba por polinizá-la (quando a polínia entra em contato com a superfície estigmática).

Em alguns casos o inseto fica de tal maneira excitado que acaba visitando uma outra espécie de *Ophrys*, criando, assim, um híbrido natural. Kullenberg chama a esse tipo de ação "atividade desviante" - para aqueles que já a presenciaram, fica evidente a frustração do inseto!...

As orquídeas datam do período Cretáceo e os fósseis indicam que elas provavelmente apareceram na região de Madagascar. Poucas famílias de plantas evoluíram de maneira tão ativa quanto as orquídeas, o que resultou em uma imensa variedade de formas e mecanismos usados no processo de polinização. Mas, infelizmente as orquídeas europeias tornam-se cada vez mais escassas por causa da atividade do homem. Toda forma de desenvolvimento acaba prejudicando o habitat dessas plantas sensíveis.

O cultivo é uma maneira de assegurar a sobrevivência de qualquer grupo de plantas, mas a *Ophrys* tem a reputação de ser extremamente difícil. Os primeiros esforços de cultivo, usando tubérculos coletados, não foram bem sucedidos - no máximo sobreviviam por um ano e, com sorte, chegavam a florescer uma única vez. Os resultados

eram mais animadores quando cultivadas em estufas alpinas, onde passavam por um período de estivação - na natureza a terra endurece por causa do sol forte de verão e amolece quando chegam as chuvas de outono. Os tubérculos então começam seu processo de crescimento. Alguns cultivadores dedicados conseguiram superar as dificuldades e já é possível ver, na primavera, florações exuberantes dessas orquídeas na coleção de alguns orquidófilos.

Nos jardins de Kew é possível vê-las florindo nos meses de fevereiro, março e abril. A maioria é cultivada em estufa de apoio (infelizmente não aberta ao público), onde é mantida uma grande coleção de reserva com a intenção de estudar o método mais eficiente de cultivá-las. Esse trabalho pioneiro começou com o cultivo de orquídeas terrestres da Austrália (também de difícil cultivo) e, agora, o resultado da micro-propagação de todas essas orquídeas pode ser visto, na primavera, nas estufas Alpina e Princesa de Gales.

Um substrato adequado é recomendado por Phillip Cribb e Chris Bailes no livro **Hardy Orchids**:

- 3 partes de humus esterilizado
- 3 partes de areia grossa (6mm de diâmetro)
- 2 partes de folhas decompostas (carvalho ou faia)
- 1 parte de casca de árvore (tamanho pequeno)
- 1 colher de farinha de osso, por 8 litros de substrato.

Alguns cuidados são necessários pois estas plantas são extremamente suscetíveis a ataques de fungos que podem dizimar uma coleção inteira. Os fungos, porém, manufaturam bioquímicas complexas que previnem ataques de outros organismos, como se fossem uma barreira química em volta da planta. É provável que o fungo presente na terra em volta do tubérculo de *Ophrys* repila outros fungos invasores e, no caso de substratos novos, isto ainda não ocorra. Ocasionalmente um tubérculo produz

apenas uma folha embrionária, mas quando a planta for reenvasada notar-se-á que um novo tubérculo se desenvolveu - aparentemente uma regressão à infância!

As *Ophrys* são protegidas por lei, nos países onde ocorrem e por isto não podem ser coletadas. Alguns orquidários oferecem uma pequena variedade de espécies onde as plantas são propagadas através de tubérculos. Este método é um pouco lento, mas é o mais eficaz. O crescimento econômico ameaça qualquer orquídea terrestre, mas nem sempre o progresso é sinônimo de destruição. Muitas dessas orquídeas vicejam em solos pobres, onde é limitada a competição com outras plantas. Não é incomum ver essas orquídeas florescendo em pedreiras abandonadas ou perto de minas de calcário. Na França, podem ser vistas nos antigos vinhedos, e, na Itália e Grécia, debaixo das oliveiras.

Pode até dizer-se que nenhuma "orquídea abelha" rivaliza com os imensos híbridos vendidos nos floristas - o seu apelo é mais sutil. Essas flores quando examinadas de perto, seja com lente, de aumento ou macro, revelam formas de beleza intrigante que poucas flores podem oferecer.



Ophrys apifera (orquídea abelha).

*Paul H. Davies
Gloucester House
The Royal School
Bath - INGLATERRA.

***A Contribuição dos Naturalistas Europeus na
Descoberta e Classificação de Orquídeas no
Brasil. Ênfase para o Gênero Oncidium.***

*Carlos Eduardo de Britto Pereira **



Para começar, vou narrar alguns fatos da História do Brasil, já que estes tiveram uma influência determinante no desenrolar do processo de conhecimento da fauna e da flora do país.

O Brasil foi descoberto e colonizado pelo então reino de Portugal e Algarve. A colônia tinha uma grande extensão territorial que era pouco habitada, portanto de difícil controle e já havia ocorrido invasões, por parte de outras nações europeias (França - Século XVI - e Holanda - Século XVII), as quais foram repelidas com muita dificuldade. Além disso, na medida em que o território foi sendo desbravado, foram sendo descobertas algumas reservas minerais, especialmente de ouro e diamantes, que precisavam ser preservadas. Talvez por estas razões, o governo português adotou uma política de isolamento total da colônia, o que significava, na realidade, a proibição de entrada de qualquer estrangeiro.

Isto perdurou até a primeira década do Século XIX, época em que a corte portuguesa transferiu-se para o Brasil (Rio de Janeiro), pressionada pela ameaça imposta pelas guerras napoleônicas. Pouco depois de chegar, em janeiro de 1808, o Rei D. João VI sentiu a necessidade de acabar com aquele isolamento e promulgou a "Abertura dos Portos Brasileiros Às Nações Amigas", o que veio a permitir a entrada de pesquisadores europeus no território brasileiro.

Até esse decreto, somente dois naturalistas de renome tinham conseguido obter algum material do Brasil: Georg Marggraf, que, no século XVII, fez uma excursão pelo nordeste do país, então ocupado pela Holanda, e o conde de Hoffmannsegg (Johann Centurius), que por suas relações de amizade com o rei de Portugal e sua corte, recebeu a permissão de enviar à colônia um de seus coletores (F.W. Siebert).

A famosa expedição de Humboldt e Bonpland não teve a mesma sorte. Ao entrar no Brasil, pela sua fronteira norte com a Venezuela, teve seus integrantes presos e deportados no dia seguinte, sob alegação de que suas atividades, de coleta e pesquisa, serviam para encobrir a finalidade real da expedição: divulgar novas idéias políticas e religiosas entre os habitantes daquela região da colônia.

Com a permissão assegurada, várias nações europeias organizaram viagens de coleta ao interior do Brasil ao longo do século XIX e princípio do século XX. Uma delas, a que juntou o maior número de especialistas, fez parte do séquito da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria, filha do Imperador Francisco II, quando de seu casamento com o Príncipe Pedro D'Alcântara, herdeiro do reino de Portugal, Brasil e Algarve.

Nesta comitiva vieram, também, dois cientistas bávaros, Martius e Spix, devido a um acordo celebrado entre o rei da Baviera, Maximiliano José I, e o Imperador austríaco.

Antes de passar a tratar de algumas dessas viagens, gostaria de falar sobre os principais tipos da vegetação que os naturalistas encontraram no decorrer de suas excursões (1).

A primeira fotografia mostra um mapa simplificado da vegetação do Brasil: em lilás, a faixa litorânea, com vegetação típica de restinga; em azul, a floresta tropical úmida (mata Atlântica); em verde escuro, a floresta sub-tropical úmida; em verde pardo, a floresta seca do interior; em ocre, a vegetação do cerrado; em amarelo, os campos de gramíneas; em rosa avermelhado, a vegetação da caatinga; em azul, o pantanal matogrossense; e, em oliva, a floresta amazônica. Campos de altitude podem ser encontrados espalhados em vários pontos.

Nos Campos existe um tipo de mata, conhecido no Brasil pelo nome de "capão", que são matas em grotas mais úmidas ou em torno de riachos. Estas matas são quase sempre ricas em orquídeas.

Alguns destes tipos de vegetação:

VEGETAÇÃO DE RESTINGA - Caracterizada por arbustos e árvores baixas sobre uma vegetação mais baixa, constituída por *Gramíneas* e outras ervas, *Bromeliáceas*, *Cactáceas* e *Orquidáceas*.

MATA ATLÂNTICA - Com suas árvores altas, ricas em orquídeas e outras epífitas como bromélias, aroides e fetos. Em muitos casos tem uma vegetação subjacente muito rica, caracterizada por arbustos e plantas que requerem muita umidade.

MATA SECA DO INTERIOR - caracterizada por pouca vegetação sob as árvores de copa elevada.

MATA SECA SOBRE PEDREIRAS, DO INTERIOR - com marcante presença de *Cactáceas*, *Bromeliáceas* e arbustos sob raras árvores altas.

CERRADO - com árvores tortuosas sobre um campo de *Gramíneas* e outras ervas.

CAMPOS DE ALTITUDE e seus capões de mato - onde se destacam *Gramíneas*, *Eriocauláceas*, *Melastomataceas*, *Velloziáceas* e *Bromeliáceas* enfeitadas por grande profusão de *Orquidáceas*.

FLORESTA AMAZÔNICA - caracterizada por árvores altas com poucas epífitas e muitos cipós. Normalmente a vegetação subjacente é composta pelos "seedlings" das próprias árvores.

Para escolha das viagens sobre que vou fazer referência, adotei como critério principal a descoberta de espécies de orquídeas brasileiras e, secundariamente, a extensão territorial percorrida.

Gostaria de lembrar que, na época dessas viagens, praticamente não havia estradas no Brasil, mas sim trilhas, que, em certos lugares, desapareciam devido ao crescimento da vegetação circunvizinha. De modo geral, o veículo usado era a montaria (cavalo ou mula), sendo que, em alguns casos, viajava-se de barco ao longo dos rios. Os viajantes atravessavam regiões quase desabitadas, o que muitas vezes os fez passar fome e sede. Nos diários de alguns naturalistas, com frequência, encontram-se citações, como a de Gardner: "Mr. Walker e eu tínhamos, já, passado dois dias e meio sem provar qualquer alimento sólido, sustentando-nos só com chá forte todo esse

tempo..."ou, de Martius, quando percorreu as caatingas do interior da Bahia e de Pernambuco, na estação seca: "Nas cisternas não existia nenhuma gota de água. Nós mesmos lambemos o orvalho das lajes de granito",ou, "A água achava-se, às vezes, em quantidade extremamente escassa, em poças verdes ou negras"e o leito dos rios secos,"continha tanto húmus dissolvido, que éramos obrigados a acrescentar-lhe rapadura, para diminuir o amargor".

Ainda tiveram que suportar o sol e o calor dos trópicos, a que não estavam habituados e, em alguns casos, o frio para que não estavam preparados. Tiveram que conviver com animais perigosos e insetos, se não perigosos, bastante desagradáveis. Quase todos os naturalistas fazem menção ao carrapato micuim, que é um minúsculo animalzinho que se alimenta de sangue e cujas mordidas, embora indolores, causam considerável irritação na pele.

Como se não bastasse, percorreram regiões em que havia doenças tropicais endêmicas, as quais, certamente, deixaram suas consequências.

Abaixo estão relacionadas, em ordem quase cronológica, as viagens sobre as quais vou fazer comentários:

- 1 - Sellow (1814-1831)
- 2 - Martius & Spix (1817-1820)
- 3 - Pohl (1817-1821)
- 4 - St. Hilaire (1816-1822)
- 5 - Gardner (1836-1841)

Antes de começar os comentários, gostaria de fazer as seguintes observações:

> A fim de avaliar a quilometragem percorrida em cada viagem, tomei por base um Guia Rodoviário brasileiro, fazendo as aproximações que julguei necessárias, uma vez que nem sempre seus percursos correspondem a rodovias atuais.

> Como ilustração, mostrarei algumas espécies de orquídeas nos seus habitats naturais, correspondentes a espécies coletadas no transcurso de cada viagem que esteja sendo tratada. (2)



I - Friedrich Sellow.

O Mapa nº 2 mostra um itinerário estimado das viagens de Sellow ao interior do Brasil. Na sua última viagem morreu afogado no Rio Doce, no estado de Minas Gerais. Nessa ocasião, já tinha percorrido, aproximadamente, 8500km.

Sellow coletou um grande número de espécies da família das orquídeas, como exemplifico:

Oncidium pulvinatum; sellowii; caldense; fuscans; crispum; blanchetii; flexuosum; varicosum; maculosum; macronyx; pubes; concolor; longipes; uniflorum; baueri.

Cattleya amethystoglossa.

Brassavola perrinii.

Laelia cinnabarina; longipes; rupestris, flava; caulescens.

Comparettia coccinea.

Maxillaria picta.

Zygopetalum mackayi.



II - Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius.

Como já relatei, Martius e Spix foram os representantes do reino da Baviera na expedição austríaca. Martius, como botânico, e Spix, como zoólogo. Chegaram ao Rio de Janeiro em junho de 1817. Após um período de adaptação, fizeram uma excursão através da Serra dos Orgãos até as margens do Rio Paraíba, no estado do Rio de Janeiro. De volta à capital, fizeram os preparativos para sua grande viagem pelo interior, com partida em dezembro do mesmo ano, seguindo o percurso mostrado no Mapa nº 3.

Levaram um ano e meio neste trajeto por terra (dez. 1817/jun. 1819), percorrendo, aproximadamente, 6500km, que somados ao percurso de sua primeira viagem, perfazem quase 7000km. Foi uma

viagem muito compensadora em termos botânicos, mas extremamente extenuante devido às inúmeras dificuldades a que foram submetidos, especialmente problemas de saúde. Com relação a isto, Martius, entre outros, fez o seguinte relato no seu diário de viagem:

"... com grande esforço, continuei a viagem a cavalo, lutando sempre contra a febre por espaço de dois dias ... o mais aflitivo mal-estar, violentos vômitos e fraqueza quase mortal, obrigavam-me a apear, de quando em quando, e, estendido a fio comprido no solo, descansar".

" Para completar a série de males, adoeceu, também, meu fiel companheiro (Spix)... "Achei-o imóvel, o rosto de uma palidez mortal, com pontos endurecidos na pele, e atacado de, terríveis, espasmos abdominais..."

Nessa parte de sua viagem, coletaram, entre outras, as seguintes espécies de orquídeas:

Oncidium: martianum; maculosum; isopterum; flexuosum; gracile; pumilum; batemannianum; harrisonianum.

Cattleya: violacea; loddigesii; intermedia.

Laelia: longipes; caulescens.

Rodriguezia venusta.

Ionopsis utricularioides.

Zygostates lunata.

Zygopetalum: crinitum; mackayi.

Stenocoryne racemosa.

Cyrtopodium punctatum.

Depois disso, seguiram por mar e pelo rio Amazonas, até Manaus, onde eles se separaram: Spix seguiu pelo rio Amazonas, até a fronteira do Brasil com a Colômbia e Peru, retornou a Manaus e subiu o rio Negro, até Barcelos. Martius subiu o rio Japurá adentrando o território colombiano. Reuniram-se, de novo, em Manaus, e fazendo um desvio pelo rio Madeira, voltaram para o litoral, de onde embarcaram para a Europa.

Como exemplo marcante dessa segunda parte da viagem, está a coleta da *Cattleya violacea*, que já havia sido descrita, a partir de plantas coletadas na Venezuela, por Humboldt, Bonpland e Kunth.

Na Europa, Martius publicou diversas obras relacionadas com suas viagens e lutou sua vida inteira para conseguir patrocínio para a publicação da obra mais importante para a flora do Brasil, a "Flora Braziliensis", cujos últimos volumes foram publicados, muitos anos após a sua morte, por Cogniaux.

III - Johann Emanuel Pohl.

O Tcheco Pohl foi, também, integrante da expedição austríaca. Originalmente ele era responsável pela área mineral, mas quando Mikan, o botânico da expedição, retornou à Áustria, ele foi designado para a área de botânica também.

Logo que chegou ao Brasil, em novembro de

1817, fez uma pequena excursão ao sul do estado do Rio de Janeiro. Em setembro de 1819, ele começou sua viagem para o interior, em direção à região central do país. Navegou o rio Tocantins, para baixo e para cima, e continuou, por terra, visitando várias regiões.

(O Mapa nº 4 mostra os roteiros de Pohl, pelo interior do Brasil.)

Finalmente retornou à cidade do Rio de Janeiro, onde chegou no último dia de fevereiro de 1821, tendo percorrido, por terra, cerca de 8000km e coletado algo como 4000 espécies vegetais.

Por diversas vezes, Pohl faz referência às dificuldades que a viagem lhe impôs:

Problemas com animais: "...aqui sucedeu que, adiantando-me da minha tropa, observei, a apenas dois passos de mim, uma cobra cascavel (*Crotalus horridus*) da grossura de um braço, enrodilhada no meio do caminho. Apenas tive tempo de desviar subitamente o meu cavalo "... como aqui estávamos desabrigados, foi-nos duplamente terrível o tormento que os carrapatos nos inflingiram, durante a maior parte da noite..."

Problemas com o clima: "Essa queda sensível de temperatura levou a nossa gente ao desespero, pois já faltava combustível para o fogo. A manhã seguinte foi particularmente fria. A relva estava em toda parte endurecida pela geada e a própria água estava coberta com uma crosta de gelo..."

Alguns exemplos de orquídeas coletadas por Pohl:

Oncidium baueri

Cyrtopodium andersonii.



4 - Auguste de Saint-Hilaire (August in François César Prouvensal)

St. Hilaire veio ao Brasil acompanhando o Duque de Luxemburgo, então designado embaixador da França junto à corte de Portugal, chegando ao Rio

de Janeiro, em junho de 1816. Fez quatro viagens ao interior do Brasil, tendo sempre como base a cidade do Rio de Janeiro e uma viagem preliminar pelos arredores desta cidade, indo até as margens do rio Paraíba.

(O Mapa nº 5, mostra as viagens de Saint-Hilaire ao interior do Brasil).

Sua primeira viagem teve como meta o estado de Minas Gerais, onde visitou muitas regiões. (Ver, no mapa, o traçado em vermelho).

Como segunda viagem, escolheu o litoral norte do estado do Espírito Santo, indo até as margens do rio Doce. De Vitória, capital do estado, voltou ao Rio de Janeiro, por mar. (Traçado em verde).

Sua terceira viagem foi a mais extensa de todas. St. Hilaire seguiu o percurso mostrado em amarelo no mapa, atingindo a fronteira sul do Brasil com o Uruguai. Continuou sua viagem através daquele país e do Paraguai, voltando ao sul do Brasil, de onde seguiu por mar até a cidade do Rio de Janeiro.

Nesta viagem, St. Hilaire planejava conhecer o estado do Mato Grosso. Entretanto, isso não foi possível, já que as autoridades portuguesas lhe negaram permissão. No seu diário ele faz a seguinte referência ao episódio: "entretanto, a entrada nessa província me foi interdita, talvez devido a uns restos da antiga desconfiança que havia levado durante longo tempo o governo de Portugal a afastar os estrangeiros de sua rica colônia".

St. Hilaire teve que empreender sua quarta viagem para buscar parte do material coletado na viagem anterior, o qual havia deixado na cidade de São Paulo. Entretanto alongou um pouco seu trajeto, já que desejava visitar mais uma vez a província de Minas Gerais, que tanto o havia fascinado.

Ao partir para a Europa, St. Hilaire havia coletado cerca de 7000 espécies de plantas, tendo percorrido quase 12000km.

Como os outros naturalistas, ele também teve muitos contratempos no decorrer de suas viagens.



Entretanto, como seu diário é muito rico em comentários interessantes sobre a flora do Brasil, escolhi esta parte para ilustrar o seu trabalho:

Ipê amarelo (*Tabebuia sp*) - "observei uma espécie de *Bignoniaceae*, a que chamam vulgarmente de ipê. É uma grande árvore que perde suas folhas anualmente e floresce antes que as novas brotem; estava tão coberta de uma imensidade de belas flores amarelas que a faziam notar de longe. Os galhos do ipê começam bastante baixo e formam uma cabeça irregular e alongada".

Carqueja (*Baccharis sp*) - "... não esquecerei, tampouco, a *composita* denominada carqueja, cujo caule e ramos, desprovidos de folhas, se dilatam formando três asas e emprestam à relva um aspecto particular".

Chapada Diamantina, Mg. - Referindo-se ao Distrito dos Diamantes: "Essa região, talvez a mais elevada da província de Minas Gerais, não apresenta mais do que terrenos áridos, areias e rochedos nus, em meio dos quais são, entretanto, encontradas inúmeras plantas raras e interessantes".

Espécies de orquídeas que coletou:

Oncidium: barbatum; uliginosum; crispum; fuscans; pumilum; baueri; divaricatum e cebolleta.

Cattleya: bicolor; amethystoglossa; loddigesii; harrisoniana.

Leptotes bicolor.

Laelia: crispa; crispilabia; longipes; flava.

Sophranitis coccinea.

Ionopsis utricularioides.

Miltonia regnellii.

Comparettia coccinea.

Zygopetalum mackayi.

Cyrtopodium andersonii.

V - George Gardner.

Gardner veio ao Brasil patrocinado pelo Duque de Bedford por recomendação de Sir William Hooker, então professor de botânica da Universidade de Glasgow. Logo que chegou ao Brasil, em julho de 1836, ao começar suas pesquisas nos arredores da cidade do Rio de Janeiro, fez o seguinte comentário:

"A pequenez do solo que basta a algumas plantas, causa admiração a um europeu. Rochas em que mal se observam vestígios de terra, estão cobertas de *Vellorias*, *Tillandsias*, *Melastomataceas*, *cactus*, *Orquidaceas* e fetos, todos em plena e viçosa vida".

Em seguida, fez uma excursão pela serra dos Órgãos, no Estado do Rio de Janeiro, onde coletou inúmeras plantas.

Gardner começou, por mar, sua grande viagem em direção a um porto no nordeste do Brasil, aproveitando-se de todas as paradas para enriquecer sua coleção de plantas. Desse porto começou sua jornada por terra, viajando em direção ao sul, até a cidade do Crato. Neste trecho encontrou um inglês, Edward Walker, que o acompanhou até o fim de suas

viagens e a quem ele dedicou uma espécie de orquídea muito importante, a *Cattleya walkeriana* Gardn.

De Crato, Gardner seguiu o percurso mostrado no Mapa nº 6, finalmente retornando à cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 1840.

Antes de voltar para a Europa, Gardner ainda fez uma nova viagem à serra dos Órgãos e ao rio Paraíba, cuja meta foi aumentar sua coleção com exemplares da tão rica flora dessa região.

Gardner coletou um número enorme de Orquidáceas, entre as quais, exemplifico:

Oncidium: uniflorum; macropetalum; barbatum; concolor; cruciatum; longicornu; hookeri; flexuosum; forbesii; crispum; gardneri; pulvinatum; sprucei.

Gomesa recurva.

Maxillaria picta.

Zygopetalum crinitum.

Bifrenaria: atropurpurea; harrisoniana.

Cyrtopodium punctatum.

Masdevallia infracta.



Infelizmente o tempo disponível não me permite falar de outros naturalistas que fizeram coletas no Brasil. Entretanto, não posso deixar de fazer, pelo menos, uma citação a respeito dos alemães Langsdorff e Riedel protagonistas da grande expedição fluvial russa, e do dinamarquês Warming, que, dedicando-se ao estudo de uma determinada região (Lagoa Santa, Mg) elaborou o primeiro estudo sistemático de um ecossistema brasileiro.

O trabalho dos coletores foi complementado pelo dos comerciantes de orquídeas e, também, pelo de alguns cultivadores. Devido ao interesse horticultural dessas plantas, essas pessoas costumavam enviar seus coletores particulares a fim de obter espécies novas ou variedades diferentes.

Os naturalistas, de modo geral, coletavam plantas floridas a que herborizavam, enquanto que os

comerciantes e cultivadores, plantas vivas para cultivo.

As coleções foram levadas para a Europa onde foram estudadas e classificadas. Quando o material proveniente do Brasil começou a ser examinado, a taxonomia das orquídeas já se encontrava em estágio de razoável desenvolvimento. As tribus e muitos dos gêneros que as constituem, característicos da flora latinoamericana, já eram conhecidos a partir de espécimes coletados na América Espanhola. O gênero *Oncidium*, por exemplo, já havia sido estabelecido pelo sueco Olof Swartz em 1800, quando ainda estavam proibidas as expedições ao Brasil.

Dentre os inúmeros cientistas europeus que descreveram as espécies válidas brasileiras, cinco foram responsáveis por um grande número delas (1139), das quais 71 do gênero *Oncidium*: Lindley, Reichenbach f., Schlechter, Cogniaux e Rolfe.

Embora fora do contexto da Conferência, não posso deixar de citar Barbosa Rodrigues, um botânico brasileiro do século passado, que também muito contribuiu para o conhecimento das orquídeas do Brasil, tendo descrito um número elevado de espécies (347).

O trabalho desses botânicos é conhecido por todos, assim como os periódicos e as obras em que foram publicados. Partindo dessa suposição, decidi ilustrar seus trabalhos falando de particularidades neles encontradas.

Examinando-se o material e as notas de Lindley e Reichenbach f., frequentemente se encontram referências ao intercâmbio existente entre eles: flores e desenhos, viajando de um lado para outro, mostram um desejo constante de acertar.

As descrições de algumas espécies vieram acompanhadas de prescrições para cultivo ou de algum ensinamento julgado necessário. Na descrição do *Oncidium pectorale* Lindl., no Sertum Orchidaceum, t.39, Lindley explica o fenômeno da autofecundação das flores, o qual o cultivador, que lhe havia enviado a planta para classificação, havia presenciado sem compreender.

Os comentários que acompanham a descrição de certas espécies, algumas vezes são de uma abstração digna de um filósofo. Assim é o caso da descrição do *Oncidium harrisonianum* Lindl., no Botanical Register, t. 1569, onde Lindley consome alguns parágrafos fazendo abstrações sobre a razão da existência das orquídeas e sobre o que se pode imaginar ao se observar o disco do labelo de um *Oncidium*.

Para o gênero *Oncidium*, cujo nome deriva da palavra grega "onkos", que significa tumor, os botânicos, além de outras características florais importantes, muito aproveitaram do formato e aspecto destas protuberâncias para a separação das espécies.

Para terminar esta palestra gostaria de mostrar-lhes, em close-up, flores de algumas espécies para ilustrar a multiplicidade de formas e aspectos encontrados no ramo brasileiro do gênero. (N.R. - seguiu-se extensa projeção de slides).

(1) Nota da Redação - Como foi dito na apresentação, o texto que está sendo lido, foi roteiro básico de uma palestra em uma Conferência, ilustrada por uma série de slides, que, pela quantidade, não puderam ser reproduzidos nesta Revista. Para permitir a leitura sequente, pedimos ao Autor que autorizasse pequenos ajustes de texto, reproduzindo as descrições que explicavam as fotos projetadas

(2) N.R. Durante a sua palestra o Autor fez projeções,

para a plateia que o ouvia, de "slides" de orquídeas brasileiras, que não estão reproduzidos aqui, por falta de espaço. Muitos deles, aliás, já foram publicados em Orquidário e, outros, serão, ainda, nas devidas oportunidades editoriais. No curso do texto, os leitores encontrarão lista de espécies brasileiras coletadas pelos naturalistas citados, que constituem um bom roteiro para o conteúdo da projeção, com cerca de 64 "slides".

(*) Rua São Clemente 398/907
20.260-000 - Rio de Janeiro, RJ.

Nosso próximo número

Ao traçar o esboço da programação de atividades para 1993, a Diretoria lançou um desafio à Comissão Editorial: dedicar o ano, com mais ênfase ao Brasil, comemorando, assim, o atingimento do 7º Volume de Orquidário.

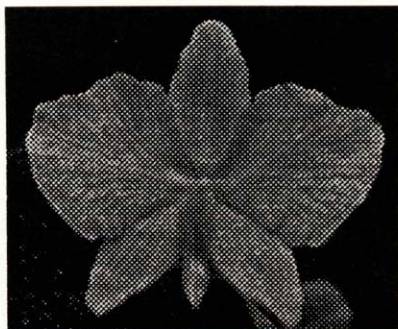
Por que o 7º Volume precisa ser festejado? Por uma razão simbólica. Todos sabem que a *Cattleya*, uma das mais importantes espécies brasileiras, atinge sua maturidade ao alcançar essa idade.

Além disso, chegou-se à conclusão de que é necessário que o esforço editorial se volte, cada vez mais, a suprir a, ainda, bastante deficiente e espasmódica bibliografia brasileira sobre orquídeas.

Quando se analisa o panorama editorial internacional sobre o tema é que se pode avaliar como é escassa a produção de textos de boa qualidade sobre orquídeas, no Brasil, sobretudo sobre a geografia e distribuição espacial dessa família no País, tão rico nesse campo.

A Comissão Editorial decidiu, assim, que deveria ser intensificada a publicação de textos sobre plantas brasileiras e, já no próximo número, que coincide com a época de sua floração, trataremos, com mais destaque, da *Cattleya labiata autumnalis* Lindley, com particular atenção, já no plano orquidófilo e não científico, para alguns espécimes de rara e especial beleza, como, sobretudo as "azuis".

Vamos iniciar, outrossim, em 1993, a coleta de material, para desenvolvimento de um projeto bem ambicioso, qual seja a tentativa de, com ajuda dos especialistas em orquídeas brasileiras, fazer um primeiro inventário e atlas da ocorrência de gêneros e espécies nos estados brasileiros.



É uma alegria...



Clowesia warszewiczii

Ao lançar o concurso de Fotografia e Desenho, Orquidário tinha propósitos de, não só, estimular o gosto dos seus leitores por fotografia e desenho, ou pintura de orquídeas, mas, também, ver da possibilidade de ir incorporando novos ilustradores ao conjunto dos que já participam deste. Mutirão nacional de divulgar as preciosas formas da orquídea, que sempre fascina pela variedade de formas, cores, desenhos e perfumes.

Uma coisa e outra temos conseguido.

Sabíamos que íamos descobrir um bom número de valores, que escondem sua produção nos escaninhos da sua timidês, sem conseguir resolver o dilema característico do tímido: acha que o que fez, é bom, mas receia ouvir um comentário crítico, mais ácido, sobre os possíveis defeitos e quanto ao que pode e deve ser melhorado. Pelo temor do comentário, não mostra, e, ao não mostrar, perde a oportunidade de progredir e de ver divulgado o seu trabalho. Causa, assim e pela falta de divulgação, um grande prejuízo àquilo que ele, como todos nós, tanto amamos, a beleza, a educação do gosto e a possibilidade didática de ajudar no reconhecimento de gêneros, espécies, variedades, grexes...

Sabemos todos que a memória das plantas se guarda nos herbários, nas pranchas desenhadas, nos museus e bibliotecas, nos arquivos fotográficos ou nas revistas especializadas.



Cirrhopetalum lasiochilum



Oncidium jonesianum

A representação iconográfica (fotografia, desenho ou pintura) pode ser dividida em dois grupos: o artístico e o científico.

Um quer, apenas, ainda que mantendo fidelidade ao tema, captar e expressar a imagem bela e a emoção por ela transmitida; o outro, quer registrar, para abono científico, as características e formas de uma planta e de uma flor, assim, quanto mais realistas e minuciosos o desenho ou a foto, mais garantida a sua função documental.

Mas na visão artística ou na visão científica, está, sempre presente, o senso artístico do autor, que, se reproduziu aquele espécime, é porque sentiu-se atraído por ele. Vejam uma prancha botânica, de Margareth Mee, por exemplo, é trabalho científico, cumpre essa finalidade, mas atende, também, a uma necessidade de expressão artística e pessoal.

Vejam, por outro lado, desenhos artísticos de orquídeas. Por exemplo, aquele que publicamos no número anterior, do cubano Jorge Duporté; nele não há preocupação com diagnose floral e outros preceitos científicos, mas, quem, tendo visto aquela aquarela, deixará de reconhecer o *Epidendrum wrightii*?

Com a fotografia não é diferente e estamos, aqui, festejando um sério candidato às premiações, mas que já é, no nosso entender, um artista, fotógrafo já pronto e que também desenha e bem!

Gilson Tadeo Bernadochi, de Casa Branca, São Paulo, escolheu, para suas fotografias, de preferência, flores pequenas e micro-orquídeas. Nestas páginas alguns exemplos de suas boas ilustrações.

Vejam o encantador conjunto de *Clowesia warszewiczii*, ou a expressiva foto de *Cirrhopetalum lasiochilum*.

O bom artista, por vezes, mesmo quando erra, acerta, por artes do "Acaso artista".

É o caso de Gilson, que se dedica, como disse, a micro-orquídeas, dessas que, para verem-se bem, precisam de ser olhadas com lupa. Ao fotografar *Ornithophora radicans*, ele focou bem a coluna da flor, mas o foco de luz usado, muito forte, borrou e manchou pétalas, sépalas e labelo, que ficaram esfumados, como numa visão de sonho, de grande beleza. Mas, também e como eu dizia, vendo esta foto, que está na 4ª Capa deste número, qualquer um de nós entende porque Barbosa Rodrigues, ao descreve-la, em 1881, deu a essa planta o nome que tem, pois *Ornithos*, em grego, significa pássaro e *phoros*, quer dizer: à maneira de...

O fotógrafo Gilson demonstra ter perfeita consciência crítica do seu ofício, inclusive de suas dificuldades e das limitações técnicas do equipamento disponível. Isto transparece dos comentários feitos, quando da remessa de suas fotos.

Sobre uma foto, que não aproveitamos, de *Pleurothallis uniflora*, observa: "o que me entristece é que, mesmo usando muita luz, não consigo fazer, por inteiro, algumas flores. Quando tento "pegar" minúcias da coluna e do labelo, fica embaçada a sépala dorsal. Quem sabe eu ainda consiga um equipamento melhor para microfotografia..."

As dificuldades e limitações a que alude, aplicam-se como luva e explicam o defeito que apontamos na foto de *Ornithophora radicans*, mas, como dissemos, que resultou em efeito tão interessante que a Editoria destacou-a para figurar numa capa.

Uma dica, aliás, para Gilson. Veja a foto da Capa, de Paul H. Davies. Magnífica, não? As Ophrys são, também, mínimas (2 a 3cm), de tal maneira que o autor citado, no seu artigo que consta deste número, diz que, para serem bem contempladas, só com lente de aumento ou macro. Note, pela foto, que a luz usada foi a do velho sol... Quem sabe se não vale a pena corresponder-se com aquele fotógrafo (o endereço está no rodapé do artigo correspondente), ou, então, aqui mesmo, com Maria da Penha Fagnani, que conseguiu, com ajuda de técnicos, fotografar micorrizas.

E, já que demos uma dica ao Gilson Tadeo Bernadochi, vale a pena transmitir aos nossos fotógrafos, uma que ele fornece sobre uma de suas fotos: "luz natural, usando um pouco de água sobre plástico para fazer o fundo, que, ao ser captado pela teleobjetiva, nos proporcionou este belo visual..."

Como se vê, trata-se de um artista já feito e conciente do seu ofício, sucessos, limitações e fracassos.

Por isto, é uma alegria, para mim, lançá-lo.

Raimundo Mesquita.

Uma Nova e Grave Doença das Orquídeas (Coleoptera Scolytidae).

Francisco de Sales Carvalho e Silva*
Sergio Potsch de Carvalho e Silva**



Introdução

Há aproximadamente cinco anos fomos surpreendidos pelo aparecimento de uma nova e grave doença das orquídeas, causada pela infestação de um minúsculo besouro, da família dos escolitídeos, a lesma da broca do café. A pesar de termos recorrido a pesquisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Instituto de Biologia da UFRJ e de termos enviado material para especialistas da França e dos Estados Unidos, ainda não conseguimos sua determinação, pois se trata de família muito complexa e de sistemática muito difícil.

Os escolitídeos são besouros muito pequenos (de 0,5mm a 1,00cm de comprimento) de cor parda, ou preta, e que vivem no interior de vegetais ou de suas sementes. São conhecidos como

'engraver beetles' (besouros gravadores). São importantes vetores de arboviroses, podendo até matar árvores de grande porte. São divididos em duas sub-famílias, a dos escolitíneos e a dos ipíneos. Estes não se alimentam de madeira, mas sim de fungos, que cultivam nas galerias que cavam nos vegetais e, em muitas espécies, as larvas são alimentadas pelos adultos. Cada espécie se alimenta de um tipo particular de fungo, que é transportado pelas fêmeas jovens, quando vão iniciar novas galerias. Em muitas espécies, as fêmeas cuidam das larvas até atingirem o seu desenvolvimento máximo. Para isto elas mantêm as galerias limpas, levando os detritos e excrementos para fora e sempre com suprimento, renovado e controlado, do fungo. A broca das orquídeas e a do café pertencem à sub-família dos ipíneos.

Histórico

A família *Scolytidae* (cerca de 2000 espécies, sendo, pelo menos, 1000 na região Neotropical) é uma das mais homogêneas e das mais interessantes da ordem dos coleópteros (Blachowski, 1944). É composta por insetos, que variam de 0,5mm a 1,00cm de comprimento. Parasitam raízes ou caules de plantas, onde cavam verdadeiras galerias, ou, ainda, sementes, como do tamarindo e do café. Podem atacar plantas doentes ou sadias. As galerias que abrem são colonizadas por vários outros organismos, como nematoides, ácaros e insetos. Além dos estragos diretos que causam ao vegetal, são vetores de muitas viroses e, segundo Costa Lima, 1956, tem considerável importância na silvicultura e na agricultura. A escolha do vegetal atacado é, em geral, restrita a uma espécie, ou a um grupo vegetal. Em 1949, Jeannel & Paulian citam que encontraram alguns escolítideos, do gênero *Xyleborus* Eich, vivendo em pseudobulbos de orquídeas, formando pequenos grupos familiares. Em *Xyleborus major*, após o voo nupcial, os sexos se separam, a fêmea abre uma curta galeria no vegetal, onde deposita seus ovos. paredes da galeria tufo de fungos que serão o único alimento das larvas recém nascidas. Há muitas outras espécies micetofágicas (que se alimentam de fungos) e o fungo é espécie-específico. O transporte de fungos, nestas espécies, é feito em poros dorsais do torax ou no papo da fêmea e, neste caso, ela regurgita os esporos nas paredes do tunel.

Material e Método

Observamos e coletamos alguns desses besouros no próprio orquidário, acompanhamos o



desenvolvimento de alguns, em laboratório, e descrevemos abaixo alguns aspectos da sua biologia.

Obtivemos os indivíduos mediante recolhimento no corte de pseudo-bulbos parasitados, que foram dissecados lentamente com estilete, pinça e bisturi, sob microscópio estereoscópico (lupa). Fizemos observações frequentes, fotos e medições sob lupa.

Embora tenhamos enviado material para especialistas do Museu Nacional e do Instituto de Biologia da UFRJ, dos Estados Unidos, da Alemanha e da França, só conseguimos identificar até família, pois se trata de um grupo complexo e de sistemática difícil.

Descrição do Besouro

Esses besouros são muito pequenos, com 1,62mm x 0,76mm, robustos, com a parte posterior do corpo achatada, de coloração marrom-caramelo, com duas antenas amarelas, curtas e arredondadas; os ovos são elíptico alongados (0,65mm x 0,29mm), brancos; as larvas, também são brancas e alongadas (0,99mm); as pupas (1,80mm) são da mesma cor e fazem pequenos movimentos laterais com o corpo.

Biologia

Encontramos câmaras com besouros, em vários orifícios, com muitos ovos, larvas em várias fases de desenvolvimento e pupas. Geralmente um adulto na câmara inicial, de costas para esta e, quando perturbado, fechava a entrada com a parte posterior que é achatada. As câmaras sem besouros geralmente estavam repletas de ácaros. Apenas em uma encontramos os restos de um adulto. Em todas, onde havia ovos e larvas, encontramos apenas um adulto, que se posicionava com a parte posterior do corpo voltada para a entrada. Com base nas observações e na literatura, concluímos que cada fêmea, após ser fecundada, faz um orifício circular, de cerca de 0,90mm, no bulbo da orquídea, por onde penetra e abre uma pequena câmara, "semeia" o fungo e começa a desovar. Conforme as larvas se desenvolvem, a fêmea vai aumentando a câmara, que, inicialmente é transversal e, depois, paralela ao pseudo-bulbo da planta e, se atingem a cutícula, fazem um desvio na escavação. Encontramos orifícios, tanto nos nós, como nos entrenós, em pseudo-bulbos novos ou velhos. Os ovos estavam, sempre, posicionados no joelho da câmara, as larvas no final, as pupas sobre as larvas. Nas câmaras, com besouros, havia, sempre, o fungo branco característico, e, as vazias, eram sempre habitadas por ácaros, nematoides ou outros fungos. As câmaras são sempre mantidas limpas e o excesso de excrementos e serragem é despejado para fora, podendo, muitas vezes, ver-se detritos acumulados na entrada.

Temos observado que atacam as plantas por grupos de espécies, em cada período. Por exemplo, num ano só atacaram *Laelia purpurata*, em outro só *Cattleya skineri*, de flor alba, deixando intatas as

plantas dessa espécie, mas de flor rosa; num outro período, só as *Laelias anceps* e, agora, só *Cattleya guttata* e *Cattleya intermedia*. Não temos observado ataques a plantas em flor. Temos observado em plantas de vários gêneros, como *Laelia*, *Cattleya*, *Epidendrum*, *Dendrobium*, mas nunca observamos em plantas como *Catasetum*, *Cyrtopodium* e plantas semelhantes.

No ambiente, já encontramos algumas *Cattleya guttata* e *Cattleya intermedia*, parasitadas pelo besouro, nas restingas de Maricá, Jacaré e Massambaba, no estado do Rio de Janeiro.

Encontramos em uma câmara, um adulto, 10 pupas e 22 larvas, em vários estágios. Em outra, 17 ovos, 9 larvas, em vários estágios, e um adulto, sem pupas.

Danos causados às plantas

Este besouro perfura os pseudo-bulbos da orquídea, à semelhança da broca do café, e os primeiros sintomas são manchas centralizadas pelo orifício de entrada do parasita, acompanhadas pelo amarelecimento das folhas, com sua consequente queda em poucos dias. Em pouco tempo, a planta também pode estar morta.

Apesar de termos iniciado imediatamente uma tentativa de controle da doença, perdemos um número bem grande de plantas. As *Laelia purpurata*, por exemplo, foram bem atingidas, tendo, praticamente, todos os seus bulbos atingidos.

Tratamento e Profilaxia

Como o parasita se aloja em cavidades perfuradas nos pseudo-bulbos, usamos um inseticida sistêmico (Folimat 1000) na tentativa de erradicação. Entretanto, a eficácia desse tratamento é muito baixa, pois o parasita se aloja numa cavidade de uns 3 a 5 mm de diâmetro, tendo as paredes necrosadas, o que impede o acesso do remédio pela seiva. Para evitar a reinfestação, passamos a usar Aldrin misturado à calda do Folimat 1000, esperando obter um efeito residual mais longo, próprio dos inseticidas clorados. Com esse processo, conseguimos, após alguns meses, e à custa da perda de muitas plantas, controlar a doença. Ficamos sem ter novos casos por muitos meses, fazendo aplicações frequentes. Como temos muitas plantas em árvores, o controle tem que ser muito cuidadoso para evitar novos focos. Há um ano atrás, tivemos um novo surto que atingiu, especialmente, as *Laelias rupícolas* e os *Dendrobium*. Aos primeiros sintomas dessa nova infestação, iniciamos um tratamento intensivo, usando diversos inseticidas de contato, já que o Aldrin está proibido por ser clorado. Experimentamos, com bons resultados, o Solfac, pó molhável, da Bayer (princípio ativo = Cyfluthrin) sempre associado ao sistêmico Folimat 1000. Nosso interesse maior tem sido obter um inseticida de contato



com boa ação residual.

Tratamos de estabelecer a época da infestação para melhor resultados no tratamento e tudo indica que ela começa no verão e vai até o fim do outono.

Recentemente fizemos contato com o Departamento Agrícola da Hoechst, responsável pela fabricação do inseticida usado no controle da broca do café. O Agrônomo Rudolf Zander nos aconselhou a tentar o uso do Thiodan CE (princípio ativo Endossulfam) que é o específico de maior eficácia no no controle daquela praga. Este tratamento deve ser iniciado logo que surjam os primeiro casos, repetido a cada 20 ou 30 dias, tendo-se o cuidado de molhar bem os bulbos, onde os parasitas irão se alojar. A eficiência máxima do tratamento é obtida quando se aplica o inseticida durante o "trânsito", período em que os insetos saem dos bulbos atacados para outros saudios, o que parece ocorrer no verão. O Thiodan é um inseticida que age por contato ou ingestão e que, sendo seletivo, não atinge os inimigos, mantendo, portanto, o equilíbrio biológico. Trata-se de um produto pouco agressivo, de grande eficácia, que se mantém ativo por, pelo menos, 30 dias, após a aplicação, e que pode ser misturado com outros inseticidas, fungicidas ou adubos. Sua Classificação Toxicológica é Classe I. Temos usado em aspersão fina, na dosagem de 2 ml, por litro de água.

Contrôle Biológico

São descritos muitos microhimenópteros que parasitam escolitídeos e que poderiam atuar no controle dessas brocas.

Algumas vespas da família das braconidas e icneumonidas possuem um longo ovopositor, com o qual colocam ovos nos tuneis de insetos como os escolitídeos. Suas larvas se alimentam das larvas do besouro. A larva de um díptero, da família *Dolichopodidae*, vive sob cascas de árvore, alimentando-se de escolitídeos (Borror & Delong, 1988).

Várias questões ficaram, ainda, para serem respondidas: em que época do ano, exatamente, penetram nas plantas? Que plantas podem ser atacadas? Por que, em cada período, atingem apenas alguns tipos de plantas, passando por outras, que já foram, ou serão atacadas em outras épocas? Como e por onde saem os jovens besouros? Onde eles cruzam, dentro ou fora das câmaras? Como fazem os orifícios? Há cuidados maternos nessa espécie? Qual o tratamento ideal? Como tornar o controle biológico eficaz?

Referências Bibliográficas

- > Borror, D.J. & Delong, D.M. 1988. Introdução ao estudo dos insetos. Edgar Blucher, São Paulo, Sp. Pags. 272/3, 390, 447.
- > Balachowsky, A. 1949 Coléoptères scolytides. In Faune de France, 50. Paris Le Chevalier.
- > Costa Lima, A. 1956. Insetos do Brasil: Coleópteros. Escola Nacional de Agronomia. Série Didática, n. 12, Tomo 10, pags. 272-338.
- > Jeannel & Paulian. 1949. In, Grasse, Tratado de Zoologia.

ERRATA

No nosso número anterior, Vol. 6 nº3, publicamos o Artigo de Francisco Sales Carvalho e Silva, sobre "Piaçava, Novo e Promissor Substrato para as Orquídeas". No quadro intitulado "Características físico químicas", no entanto, ocorreram alguns erros que impedem a devida compreensão e avaliação do comportamento dos substratos comparados.

Assim, na pag. nº 114:

Na coluna "piaçava nova", quadro "Sais solúveis (a frio)", onde se lê: 0,36%, leia-se 0,036%; e, no quadro "Ácido húmico", onde se lê 0,36%, leia-se: 2,35%. Na coluna "Piaçava com +/- 2 anos", no quadro "Ácido húmico", onde se lê: 0,36%, leia-se: 2,5%.

Ocorrência, no Brasil, de *Chaubardia klügii*

(C. Schweinf.) Garay.



Fábio de Barros (*)

Eduardo L.M. Catharino (*)

sinônimo: *Cochleanthes klügii* (C. Schweinf.) Schultes & Garay, Bot. Mus. Leaf. Harv. Univ. 16:325.1959.

Material estudado: Brasil, Pará, Serra dos Carajás, 19.IV.1988, fl. cult., J.Batista F. da Silva (SP).

Diferencia-se de *C.surinamensis* Rchb.f., que também ocorre no Brasil, principalmente pelas flores, inteiramente brancas, e pelo labelo com lobo central mais estreito e calo mais alto.

Novas ocorrências como esta tem sido comumente constatadas em algumas regiões pouco exploradas do Brasil. Desde a publicação do livro de Pabst & Dungs (1977), pelo menos 19 espécies já foram acrescentadas às orquídeas brasileiras, entre espécies novas e ocorrências novas.

Novas ocorrências podem parecer, a princípio, menos importantes que espécies novas, mas são indispensáveis para entender a evolução das floras locais e as rotas de migração vegetal no continente. Muitas vezes o desconhecimento quanto à ocorrência de determinadas espécies em determinados locais se deve à falta de inventários botânicos em localidades de difícil acesso e, neste caso, é de fundamental importância a colaboração dos orquidófilos, notadamente quando suas coletas são levadas ao conhecimento de especialistas em taxonomia de orquídeas e são registradas, através de materiais herborizados, em herbários oficiais; estas duas atitudes impedem que as informações se percam.

ABSTRACT (Occurrence of *Chaubardia klügii* (C. Schweinf.) Garay, in Brazil) - The occurrence of *Chaubardia klügii* (C. Schweinf.) Garay, is reported by the first time in Brazil, based on a collection which came from the Carajás Region, state of Pará.

Resumo É constatada, pela primeira vez, no Brasil a ocorrência de *Chaubardia klügii* (C. Schweinf.) Garay, com base em coleta realizada na região de Carajás, no sul do Pará.

O gênero *Chaubardia*, foi descrito por H.G. Reichenbach, em 1852, baseado em *Chaubardia surinamensis* Rchb. f., espécie originária do Suriname, mas posteriormente encontrada na Venezuela, Guiana e Brasil. Poucas outras espécies foram atribuídas ao gênero, a maioria das quais foi, posteriormente, transferida para outros gêneros, onde se enquadrassem melhor.

Atualmente, além de *C. surinamensis* Rchb. f., apenas *C. klügii* (C. Schweinf.) Garay é considerada como pertencente ao gênero.

A história nomenclatural de *C. klügii* (C.Schweinf.) Garay (Foto 1) inclui alguns pontos confusos.

Originalmente, a espécie foi descrita dentro do gênero *Zygopetalum* Hook., sendo, posteriormente, transferida para o gênero *Cochleanthes* Raf. por Schultes & Garay (1959) e, finalmente, transferida para o gênero *Chaubardia* Rchb.f., por Garay (1973). É interessante acentuar que a transferência para *Chaubardia* Rchb.f., foi proposta dentro de um trabalho que não trata diretamente desse gênero, o que, às vezes, pode dificultar o acesso a essa informação.

Chaubardia klügii (C.Schweinf.) Garay, Orquideologia 8:34. 1973.

basônimo: *Zygopetalum klügii* C.Schweinf., Bot. Mus. Leaf. Harv.Univ.15:159.1952.

* Instituto de Botânica
Caixa Postal 4005
01.061-970 - São Paulo, SP.

Referências bibliográficas

- > DODSON, C.H. & DODSON, P.M. 1984. *Chaubardia klügii* (C.Schw.) Garay. In *Icones Plantarum Tropicarum* (Dodson, C.H. ed). Pl. 910
- > GARAY, L.A. 1973. El complejo *Zygopetalum*. Orquideologia 8: 15-51.
- > PABST, G.F.J. & DUNGS, F., 1977. *Orchidaceae Brasiliensis*, V.2. Hildesheim: Kurt Schmiersow. 418P.
- > SCHULTES, R.E. & GARAY, L.A. 1959. On the validity of the generic name *Cochleanthes* Raf. Botanical Museum Leaflets of Harvard University 18 (6): 321-327
- > SCHWEINFURTH, C. 1952. *Orchidaceae peruviana IX*. Botanical Museum Leaflets of Harvard University. 15 (5): 139-170.

Uma Nova Espécie De *Oncidium* Da Chapada Dos Veadeiros.

Oncidium chapadense n.sp. P. Castro & Campacci

Vitorino Paiva Castro Neto (*)

Marcos Antonio Campacci (**)

É de esperar que novas espécies de plantas e, entre essas, espécies da família das Orquidáceas, sejam descobertas na região da Chapada dos Veadeiros. Essa região situada ao norte de Brasília, com elevações que chegam até 1700m de altitude, cria um clima particular, possibilitando o desenvolvimento de espécies endêmicas. Devido à sua altitude, essa região possibilita o aparecimento de um clima mais úmido e frio, onde várias espécies de orquídeas encontraram condições ideais para o seu desenvolvimento. Chama a atenção a existência de um campo de velósias quando se visita essa região, pois tais plantas são típicas dos campos rupestres do estado de Minas Gerais e de partes mais altas da Chapada Diamantina no estado da Bahia, onde existem velósias e se encontram muitas orquídeas.

New species of plants, among these orchids, are still being discovered in the Chapada dos Veadeiros Region. Situated to the North of Brasília, certain areas of this region reach an altitude of 1700m. The high elevation results in cooler and humid conditions which are ideal for the development of a number of species. The fields of Vellozia are of particular interest as they are similar to those found in the rupicolous fields in Minas Gerais and in Chapada Diamantina of Bahia and, usually one encounters a variety of orchids growing on the Vellozia.

Descrição da espécie.

Herba terrestris, caespitoso, Racidibus, flexuosis, glabris; Rhizoma, valde abbreviatum; Pseudobulbis, retanguliformis, lateraliter compressi, 3,0-3,5cm longi, 2,5-3cm lati et crassi, bifoliati. Folia apicalis, filiformis acuminata, 22-25cm longa, 7-10 mm lata; Folia basilaris, similiter folia apicalis, leviter minoris; Sepala dorsualis, elíptico-alongata, leviter conchata, 7,0 mm longa, 2,5-3,0 mm lata; brunnea cum maculae flavae; Sepalae laterales, basis coalitis, elíptico-alongata, asynmetricae, 9,0 mm longae, coloris similiter sepala dorsualis; Petalae, subclaviformis, asynmetrica, 9,0 mm longae, 4,5mm latae, coloris similiter sepalae; Labellum, trilobatum, 18,0mm longum, 15,0mm latum inter lobo lateralis, lobi laterali, elíptici, ad perpendiculum axis oriundus ex basis ad apex labelli, 3,5 mm lati, flavi; lobus centralis subreniformis, tetralobatus (quater lobatus) (cum quattuor lobulus), 13,00 mm longus, 22,00 mm

latus, flavus; calus in discus centralis, divisum in tria tubercula conglobatum, in cornu formis, unum in base labello, duo tubercula in laterali collocato symetrico disco, minore, et unus in centro disco, magnus, tres cornos divisos, centralis maiorem quam lateralem, flavum cum extremitatis albus; Columna, alata, flava, 6,00 mm longa, in basis 1,5 mm larga, inter alae 3,5-4,0 mm larga.



Terrestre, cespitoso, c.a. 20-25 cm de comprimento, Raizes, glabras, flexuosas, alvacentas, c.a. 1,5-2,0 mm, de espessura; Rizoma, bastante curto, Pseudobulbos, esférico-quadrático (retanguliformis), lateralmente achatado, de 3,0-3,5 mm de altura por 2,5-3,0 cm, largura e espessura, com duas folhas basilares, em parte encoberto na base por bainhas das folhas basilares, Folhas, subcoriáceas, superfície ligeiramente granulosa, filiforme aguçada, (graminiforme), de 18-25cm de comprimento por 7-10 mm de largura, as folhas basilares são semelhantes e um pouco menores. Inflorescência, base dos pseudobulbos, ereta, racemosa, c.a. 70-80 cm de comprimento, Escapo, ereto, de 1,5-2,0 mm de espessura, com bainhas amplexas, triangulares de 5 mm de comprimento por 2mm de largura, espaçadas de 7-9cm. Rácemo, cerca de 1/7 do comprimento da inflorescência com 3 a 4 flores abertas, com botões em crescimento e flores abrindo de baixo para cima, brácteas inconspícuas. Ovário, pedicelado, de c.a. 13 mm de comprimento. Flores, agrupadas com c. a. 3,0cm. de diâmetro; Sépala dorsal, elíptico-alongada, ápice truncado e base estreitada, ligeiramente côncava; c.a. 7,0 mm de comprimento por 2,5-3,0 mm de largura, de cor castanho claro, malhado de amarelo; Sépala laterais, concrescidas na base, elíptico-alongadas, assimétricas, de 3,5 mm de largura, de igual

cor à da sépala dorsal; Pétala, subclaviforme, assimétrica, de c.a. 9,0 mm de comprimento por 4,5 mm de largura, de cor igual às sépalas; Labelo, nitidamente trilobado, de c.a. 18 mm de comprimento por c.a. 15 mm de largura entre os lobos laterais; Lobos laterais, elípticos, perpendiculares ao eixo partido da base do labelo em direção ao ápice, de c.a. 3,5 mm de largura, de cor amarelo ouro uniforme; Lobo mediano, subreniforme, esplanado, de c.a. 13 mm de comprimento por c.a. 22 mm de largura, de cor igual à dos lobos laterais; Calos, sobre o disco central em forma de cornos, divididos em tres aglomerados de protuberâncias em forma de cornos, um desses aglomerados na base do labelo, dois pares laterais pequenos simetricamente dispostos e no centro do disco, uma protuberância bem proeminente, dividida em tres cornos, o central maior que os laterais, de cor amarela e esbranquiçado na extremidade; Coluna, alada amarela, de c.a. 6 mm de comprimento por c.a. 1,5 mm de largura na base, de c.a. 3,5-4,0 mm entre as asas; Estigma, glabro; Antena, em forma de capuz, bilobada de

c.a. 2,5 mm de comprimento; Polínias, duas, de c.a. 2,2 mm de comprimento total, com longo caudículo.

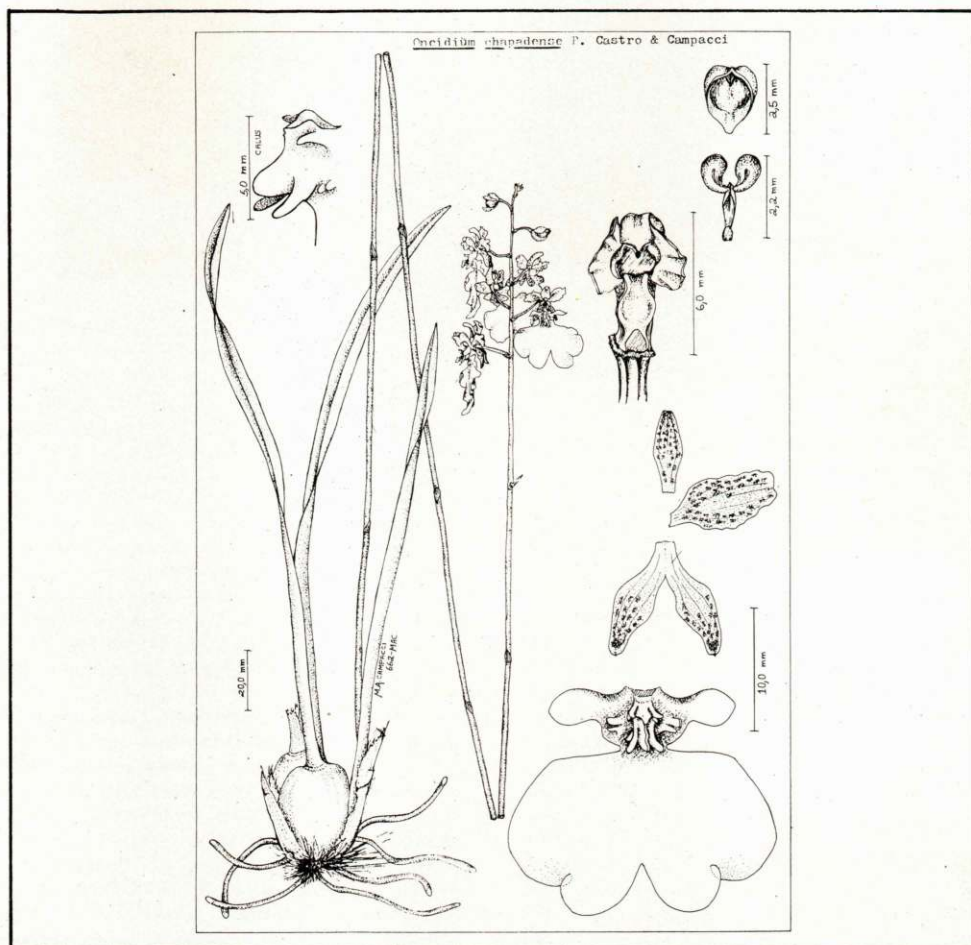
HABITAT: Brasil: Goiás: Município de Alto Paraíso de Goiás, 1400-1600 m.sm. leg. Vitorino Paiva Castro Neto.s/n, fl. cult. 05/06/1991.

HOLOTYPE (HERBARIUM SP)

Pelo tamanho da planta tem-se a impressão, à primeira vista, de tratar-se do *Oncidium hydrophyllum*, ou do *Oncidium barbacenae*, ou *Oncidium fuscans*, porém logo nota-se a diferença entre os pseudobulbos que em *Onc. chapadense* são mais estreitos e, também, as folhas basilares mais características dessa espécie. As folhas, muito mais finas, e o calo central, bastante proeminente, distinguem bem esta espécie das outras.

(*) Rua Vicente Galafassi, 459
09770-480 - São Bernardo do Campo, SP.

(**) Rua Padre Leonel Franca, 544- Vila Libaneza
03193-070 - São Paulo, SP.



Novas espécies de 'Sapatinho de Vênus' abrem novos caminhos para o cultivo. - Parte 2, final.

Olaf Gruss (*)

Tradução de Waldemar Scheliga.



Cypripedium Gisella

O primeiro híbrido de *Paph. malipoense* que floriu resultou de um cruzamento com *Paph. delenatii*. Como era de esperar, a flor era branca com uma tonalidade rosada no "sapatinho" e traços venosos rosados nas pétalas. A forma da flor lembra muito a do *Paph. malipoense*, principalmente a forma das pétalas. O cruzamento foi feito originalmente pela PAPHANATIC (USA) e floriu pela primeira vez na Eric Young Orchid Foundation (GB - Jersey), que expôs uma flor durante a 13ª Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas. Esse híbrido foi registrado com o nome de *Paph. Lynleigh Koopowitz*. Um outro híbrido, cultivado por Terry ROOT, na Orchid Zone Nursery, e que floriu, ali, pela primeira vez, tinha como outro ancestral o *Paph. fairrieianum*. A forma era parecida com a do outro híbrido dessa espécie, dos que foram feitos dentro do mesmo grupo. A flor era de coloração verde-esmeralda intenso com estrias de cor castanha. Terry ROOT registrou esse híbrido com o nome de *Paph. Jade Dragon*. O estaminódio desses dois híbridos eram iguais ao do *Paph. malipoense*, porém a mancha escura na ponta era mais esmaecida. O cruzamento com *Paph. niveum* produziu um híbrido bem formado, e, em muitos casos, multifloro, com flores indo de branco-creme até cor de jade. Franz GLANZ requereu o registro desse híbrido com o nome de *Paph. Wössener Jade*. Além disso, foi anunciado um

híbrido natural entre *Paph. malipoense* e *Paph. micranthum*, descrito na Orchid Review, em 1992, por Harold KOOPOWITZ e Norito HASEGAWA (PAPHANATICS), sob o nome *Paph. x fanaticum*.

Desde o momento da descoberta, renasceu entre os cultivadores a esperança de conseguir uma flor branca e de tamanho grande, através de gene de *Paph. emersonii*. O *Paph. niveum* que, até agora, tem sido o ponto de partida para produzir híbridos brancos, lamentavelmente só resultou em flores pequenas. A sua coloração, assim como a forma, dificilmente dariam um cruzamento com flores brancas e grandes. A flor maior do *Paph. emersonii* prometia ser a solução próxima para obter o híbrido desejado. Vários cruzamentos foram produzidos com essa nova espécie, principalmente com os híbridos complexos verdes e grandes. Entretanto, até a floração ainda teremos que esperar mais um a dois anos. Mesmo assim, o primeiro híbrido já floriu. Foi feito por Fumimasa SUGIYAMA, sendo um híbrido primário entre *Paph. emersonii* e *Paph. malipoense* e floriu com Frank HUGHES, na Califórnia. O resultado foi uma flor que, no seu aspecto, mostrou grande influência do verde *Paph. malipoense*. A cor era marfim-esverdeada, que evoluía para um colorido cor de palha. Portanto, não era o branco puro que se esperava. A pesar do resultado dessa primeira experiência, não parecia tão longo o caminho a percorrer para conseguir produzir uma orquídea "sapatinho de venus" de flor grande e branca. A natureza está sempre pronta para surpreender os homens e talvez o cultivador esperto e empreendedor encontre a maneira de tornar realidade o sonho de conseguir um híbrido de flor branca e grande. As pétalas eram espalmadas, quase do tamanho do *Paph. emersonii* e as sépalas bem eretas e não viradas para a frente. O labelo, porém, era um pouco menor e levemente rosado. Esse híbrido foi registrado em 1991, por PAPHANATICS (USA) com o nome *Paph. Joyce Hasegawa*.

Outros resultados também eram esperados das demais espécies novas. Entretanto, os resultados, até agora, obtidos foram decepcionantes. Os híbridos com *Paph. supardii*, *Paph. randsii* e *Paph. adductum* apresentaram a característica multiflora de um dos ancestrais, porém, não mostraram nenhuma melhoria sobre a forma da espécie propriamente dita. Resta aguardar o resultado das demais experiências de cruzamento em andamento. Anteriormente já houve surpresas com híbridos resultantes de cruzamentos aparentemente absurdos.

Do híbrido feito com o gracioso *Paph. barbigerrum*, era de esperar uma planta pequena com flores relativamente pequenas. O primeiro cruzamento que floriu foi de um híbrido, com *Paph. sukhakulii*, da firma KENNTNER, da Alemanha. A planta, como era de prever, apresentava um tamanho bem pequeno. A flor demonstrava principalmente a influência do outro ancestral; apenas o tamanho relativamente pequeno indicava claramente a influência de *Paph. barbigerrum*. Os demais híbridos das outras novas espécies de crescimento compacto, da região limítrofe da China, o *Paph. henryanum*, embora tenham sido registrados, ainda não foram apresentados ou divulgados. Das espécies novas, *Paph. sangii*, *Paph. schoseri*, *Paph. tigrinum*, *Paph. kolopakingii* e *Paph. topperi* (possivelmente idêntico ao *Paph. kolopakingii*), espera-se, no futuro, um punhado de híbridos novos e interessantes. O mesmo se aplica ao *Paph. sanderianum*, que durante muitos anos esteve desaparecido.

Em contrapartida, pouco se espera das novas espécies nativas *Paph. braemii*, *Paph. richardianum* ou *Paph. sriwaniae*. Ainda não há certeza se as mesmas são, realmente, espécies novas ou, apenas, variedades de outras formas nativas.

Por outro lado, cruzamentos novos com *Paph. rotschildianum* estão despertando interesse. Assim, foi requerido o registro, entre outros, do híbrido primário *Paph. Marcel Lecoufle* (com *Paph. urbanianum*) e *Paph. Lutz Rölke* (com *Paph. gratrixianum*). O cruzamento de *Paph. armeniacum*, de nome *Paph. Dollgoldi*, embora registrado, desde 1988, ainda não foi submetido a julgamento ou divulgado. Animador é o excelente crescimento dos cruzamentos de *Paph. rotschildianum* com os *Paphiopedilum* chineses. As sementes produzem uma apreciável quantidade de "seedlings". Entretanto, passar-se-ão, ainda, alguns anos até que esses híbridos estejam disponíveis, floridos e em quantidade suficiente.

Os híbridos do gênero *Phragmipedium*, nos últimos dez anos, pouco interesse despertaram entre cultivadores e orquidófilos. Assim, poucos híbridos encontraram acolhida nas coleções, como *Phrag. Sedenii* ou *Phrag. Schroederae*. A descoberta do *Phrag. besseae* com sua intensa coloração vermelha incentivou os cultivadores a tentarem novos caminhos de cruzamento. O primeiro híbrido apresentado para registro, foi o cruzamento de *Phrag. schlimii*, com o nome de *Phrag. Hanne Popow*. O primeiro híbrido dessa espécie publicamente divulgado, na contra-capla da *Orchid Review*, em janeiro de 1992, foi o *Phrag. Young*, cruzamento com *Phrag. longifolium*, feito pela Eric Young Orchid Foundation. Em seguida, vários outros cruzamentos foram feitos e devem florir nos próximos anos. Entretanto, alguns híbridos que já floriram não mostraram a coloração intensa do *Phrag. besseae*.

A história da hibridação do gênero *Cypripedium* tem sido feita por, apenas, dois cultivadores: Carson E. WHITLOW (USA) e Werner FROSCH (Alemanha). O primeiro híbrido, registrado em 1987, foi *Cypripedium Genesis*, cruzamento de *Cypripedium reginae* com *Cypripedium pubescens*. Até agora, somente 10 híbridos foram registrados oficialmente. Vários outros cruzamentos foram realizados e, nos próximos anos, devem florir pela primeira vez.

O cultivo de híbridos intergenéricos tem tido pouco sucesso. Apenas dois híbridos, resultantes de um cruzamento entre *Paphiopedilum* e *Phragmipedium*, foram registrados, recebendo nome de *Phragmipaphium*. Por toda parte são feitas experiências de cruzamento das novas espécies chinesas do gênero *Paphiopedilum*, principalmente com o *Phragmipedium besseae*. É possível que nos próximos anos já se possa admirar resultados interessantes desses cruzamentos.

Tentativas de inter cruzar espécies do gênero *Cypripedium* tem fracassado até agora.

Bibliografia

- Gruss, Olaf & Rölke, Lutz > Primärhybriden, Reizvolle Ergänzung der Natur, Teil 1 - Die Primärhybriden der mehrblütigen Arten der Gattung *Paphiopedilum*, Sommer/Herbst 1992.
- Gruss, Olaf > Primärhybriden - Reizvolle Ergänzung der Natur - Teil 5: *Paphiopedilum delenatii*. "Die Orchidee" 42(4): 171 ff. 1991.
- Koopowitz, Harold & Hasegawa, Norito > Novelty Slipper Orchids - Breeding and cultivation *Paphiopedilum* Hybrids, 1989.
- Koopowitz, Harold & Hasegawa, Norito > *Paph. x fanaticum* :The Natural Hybrid between *Paphiopedilum malipoense* and *Paphiopedilum micranthum*. "The Orchid Advocate" XVIII (2) 48 ff.; 1992.
- Mark, Buddy > The Colour Illustration of *Paphiopedilum* Species, Hong Kong, 1991

OLAF GRUSS
In der AU 48
D-8217 Grassau
Alemanha

Anotações sobre o Cultivo de Orquídeas.

Raimundo Mesquita()*

A cada ano, quando a Orquidário realiza sua grande mostra de Primavera, uma expressiva quantidade de pessoas, motivada pela variada beleza das flores exibidas, acorre a um curso de Iniciação à Orquidofilia, que, tradicionalmente, oferecemos a esses interessados, para habilitá-los ao cultivo, como, ainda, para que possam ingressar na "linguagem", e, assim com proveito, usufruir da convivência com experimentados cultivadores nas nossas reuniões mensais.

A essas pessoas, que, em geral, nada sabem sobre o cultivo de orquídeas e que acabaram de receber o forte impacto daquilo que, de melhor, pudemos mostrar naquele momento, a primeira coisa que dizem os nossos instrutores é: "cultivar orquídeas não é difícil, é até mais fácil do que cuidar de outras plantas decorativas. É mais fácil e completamente diferente..."

Na verdade, essa afirmação tem duas únicas funções, a de desinibir o interessado e a de não desestimulá-lo, no instante em que quer dar os primeiros passos para ingressar nesse envolvente mundo de beleza e de mistério criado pela mística da orquídea.

A outra afirmativa sobre ser diferente a forma de cultivo, objetiva, despojar as pessoas das noções gerais que tem de como tratar de uma planta e que é associada, sempre, ao uso de terra, que, como todos sabem, é, dos substratos praticados com orquídeas, o menos aplicado, mas que é, também, o único conhecido dessas pessoas, que não podem imaginar que se possa cultivar uma planta, em vaso, sem uso de uma boa terra vegetal...

Todos nós sabemos, porque todos passamos por esta fase, que aquela frase, como toda generalização, não é inteiramente verdadeira, como não é completamente falsa, pois há orquídeas fáceis, como as há muito difíceis.

Cultivar orquídeas é, antes de mais nada, atividade apaixonante, e é, ao mesmo tempo, fácil e difícil, tanto quanto o é cultivar qualquer ser vivo, seja ele vegetal ou não.

Educar e formar os nossos filhos, não é encargo difícil e penoso? Mas nós não nos dedicamos a ele com tanto empenho e amor? E, quando agimos assim, não nos parece fácil e leve esta tarefa?

Estou, cada vez mais, convencido de que amor e empenho, como em qualquer atividade humana, é o primeiro **requisito** para o bom cultivo de orquídeas. Interesse, em suma. A escolha de uma certa modalidade de atividade de lazer, resulta, no meu entender, de um impulso profundo da nossa personalidade, já que o **lazer** é o descompromisso, a melhor marca da nossa liberdade humana.

O trabalho, os compromissos, os problemas, nem sempre são os que escolheríamos. Já a atividade de lazer é, sempre, a que, livremente, escolhemos, a que melhor responde ao nosso sentido lúdico e a outras necessidades profundas do nosso ser. Nela procuramos relaxamento e distensão, mas, ao mesmo tempo, satisfação de certas necessidades interiores.

Para alcançar estes objetivos, tão necessários para nossa saúde e bem estar, nada é difícil, todo esforço se justifica, tudo é fácil.

Mas, não é apenas neste sentido, que entendo que o cultivo de orquídeas não é atividade difícil, a pesar dos muitos insucessos que, cada um de nós, temos para contar. Qual de nós não ostenta na sua biografia, orquidófila, com uma enorme quantidade de vítimas fatais?...

Felizmente, a orquídea, força dos processos de adaptação que teve de sofrer na sua biologia, diante das condições ecológicas adversas que teve de enfrentar para sobreviver e perpetuar-se, é um vegetal forte e resistente.

É um pouco isto, a robustez e rusticidade, que contribui para facilitar o cultivo de orquídeas, como para a dificuldade de matá-las, com inabilidade de manejo e trato cultural inadequado.

Acontece, mas não é muito frequente, que uma planta mal cuidada, entre em colapso súbito e morra subitamente. Deve-se isto ao fato de uma boa quantidade delas ser muito robustas, por que teve de ajustar-se a características particulares no seu meio ambiente, teve que superar carências e, assim, por exemplo, criar raízes, grossas e recobertas de um tecido esponjoso, o **velame**, para enfrentar lugares onde a oferta de água é escassa ou irregular. Aprendeu a produzir uma enorme quantidade de raízes, para ancorar-se firmemente nos galhos e troncos de árvores, ou em rochas, raízes que formam verdadeiros ninhos onde se acumulam detritos e restos de partes vegetais em decomposição de que se alimentam. Teve, ainda, que produzir raízes aéreas tão especializadas que são capazes de recolher a pouca umidade do ar, em regiões secas, e que também ajudam no processo de fotossíntese.

Além disso, desenvolveu pseudobulbos ali onde as condições ambientais impunham que ela armazenasse água e alimento para os momentos de escassês.

De fato, a orquídea é um ser forte, que luta pela sobrevivência e resiste até ao seu cultivador e demora de morrer, como a experiência de cada um de nós demonstra... Raramente morre de repente, a não ser

quando atacada por doenças e pragas, sobretudo pelas podridões ocasionadas por fungos e bactérias (nem mesmo as viroses, que não têm cura, destroem de imediato a orquídea; já vi muita orquídea, atacada por vírus, vegetando com aparência saudável e forte).

Mas, com este quadro sombrio, não estarei me afastando da primeira afirmação de que é razoavelmente fácil cultivar orquídeas? Onde é que está a facilidade?...

A facilidade começa, acho, a partir daquele primeiro requisito que mencionei, amor e empenho.

Amor, é claro, por que só se lida bem com aquilo que se preza, com o que desperta o nosso interesse e desejo de conhecer. Empenho em conhecer bem aquele ser vivo que tanto nos atrai e tanto nos gratifica, com beleza e perfume. As atenções de cultivo, a observação constante e os cuidados preventivos são fundamentais para um cultivo bem sucedido.

Não matar a orquídea que se tomou para cultivar é a primeira vitória do orquidófilo neófito. Conseguir cultivá-la, fazer com que se desenvolva, é o segundo estágio, mas que está a uma distância bem grande daquilo que é um cultivo adequado, aquele que ensaja a planta um crescimento vigoroso, que é, sempre, seguido pelo que é o grande objetivo do cultivador, uma generosa e bela floração.

Assim, para bem cultivar, precisamos saber algo sobre as características biológicas da planta, suas respostas às condições ambientais.

Algum conhecimento dessas condições ambientais, sem qualquer dúvida, facilita muito a qualidade do nosso cultivo e pode ajudar-nos a escolher a planta que cultivar. A família das Orquidáceas tem isto de bom para o cultivador-colecionador: permite uma enorme variedade de escolhas possíveis. Há orquídeas, todas muito belas, para todo tipo de clima e para quase todos os locais disponíveis. Se o clima é quente e seco, se é frio e úmido, se o local é alto ou ao nível do mar, sempre existirão belas flores para cultivar.

Agora, defeitos dos mais graves de nós, orquidófilos, são a gula, o conhecido pecado, e a teimosia. Queremos ter de tudo, basta ter visto, possamos ou não cultivar bem e teimamos em prejudicar a planta, oferecendo-lhe condições para que não se adapte.

Cito alguns exemplos brasileiros: *Acacallis*, uma orquídea que viceja na bacia amazônica, em terras baixas e de calor muito úmido. Além disso ela vegeta na parte inferior (e com pouca luz) do tronco de palmeira de várzea de rios, que fica, nas cheias, por longos períodos, submersa. Já a *Cattleya walkerana*, ou a *Cattleya nobilior*, que ocorrem em regiões do sudeste e centro-oeste, sujeitas a prolongadas estiagens, passam, por vezes, meses sem receber uma gota d'água. Os dois gêneros e espécies são plantas de terras não muito elevadas e de muito calor, mas estão submetidas a regimes hídricos e de luminosidade completamente diferentes.

É, assim, pura perda de tempo tentar dar a essas plantas os modos de cultivo de que dispomos e

que podemos dar-lhes, assim como é tempo perdido levá-las a terras altas e frias, de serra. Podem até sobreviver, mas não florirão, ou, pelo menos, não florirão bem.

É a mesma coisa tentar cultivar já agora exemplificando com gêneros estrangeiros, *Vanda* e *Phalaenopsis* em regiões com invernos rigorosos e noites de temperatura menor do que 15° C, ou *Dendrobium*, do tipo *nobile*, *Cymbidium* e outras tantas, onde não se tenha uma queda de temperatura, entre dia e noite, de aproximadamente 10°C.

Não é, pois, difícil cultivar, bem, orquídeas, se formos capazes de escolher o gênero ou a espécie certos (espécie, sim, porque dentro de um mesmo gênero, as necessidades de cada espécie variam muito), para as condições ambientais e de cultivo que podemos oferecer-lhes.

Quantas vezes não ficamos decepcionados com a pouca aptidão em que nos descobrimos para cultivar determinada planta, que vimos, lindamente florida, numa exposição, ou que compramos num orquidário comercial?

Será que não teria valido a pena perguntarmos se aquela planta se adaptaria ao local onde vamos cultivá-la, será que se ajustaria às condições de cultivo, às nossas práticas de rega, de fertilização, de luminosidade e aeração, esses que, como sabemos, são os quatro fatores mais importantes para um bom cultivo.

Por tudo isto é que me parece fundamental para o cultivo adequado de orquídeas, poder dispor de informações sobre as características do ecossistema de onde provieram as que cultivamos ou desejamos ter.

Sabemos todos que isto não é tudo, como pode inferir-se que há outros fatores que interferem e são importantes para um bom cultivo.

A relação, no entanto, entre planta e condições ambientais, de clima e meteorologia são determinantes. Sabe-se da enorme capacidade de adaptação da orquídea. Mas, nós não as colecionamos para, apenas, se adaptarem ao microclima de que dispomos...

Colecionamos para ter flores, abundante floração, que só é possível se as condições ambientais são capazes de deflagrar o processo físico-químico que leva à floração, que objetiva a perpetuação da espécie, mas que, para nós, é apenas beleza e encantamento.

(*) Rua D. Mariana 73/902.

22.280-020 - Rio, RJ.

Cultivo de *Cattleya dormaniana*.

P. O Padre Marcelino de Mello, de Imperatriz, Maranhão, mencionando suas dificuldades de cultivo com *Cattleya dormaniana*, consulta como proceder.

R. A *Cattleya dormaniana* aceita o mesmo modo de cultivo dado às *Cattleya guttata*, *Cat. amethystoglossa*, *Cat. bicolor*, *Cat. granulosa*, *Cat. schofieldiana*, das quais é muito próxima, embora prefira lugares mais altos e mais frescos do que o de que dispõe o nosso Pároco, já que ocorre em altitudes mais elevadas do que as de Imperatriz.

De qualquer modo, acreditamos que é bem possível cultivá-las ali, desde que se ofereça um pouco menos de luz e um pouco mais de umidade circundante.

Sendo a *Cat. dormaniana* um pouco mais frágil e, portanto, "mais magra" do que as outras citadas, é bom ter cuidado com o encharcamento do substrato e, conseqüentemente, das raízes, que podem apodrecer. Menciona, aliás o Padre Marcelino que está notando alguma desidratação nas suas plantas dessa espécie. As causas são, bem possivelmente, uma ou, mesmo, as duas das seguintes: excesso de transpiração pelo calor circundante (remédio: pulverizações, com água, nas horas mais quentes e, até mesmo, à noite), ou, apodrecimento e perda das raízes, ficando a planta sem poder absorver água pelas raízes e desidratada (o remédio não é continuar molhando cada vez mais, mas trocar de substrato, tosando todas as raízes podres e levar algum tempo sem regar, para forçar o surgimento de raízes novas, nesse período colocar a planta em lugar sombreado, fresco e úmido e pulverizar com frequência).

Outro cuidado que deve ser tomado é quanto ao apodrecimento, por fungos e bactérias, da "coroa" em formação, ou seja, quando o pseudobulbo está se desenvolvendo, uma bacia protetora, ainda verde, recobre tudo, até as folhas em desenvolvimento, formando, assim, um cálice onde se acumula a água da rega. Caso essa água acumulada não evapore, ou seja escorrida, fica estagnada e vai propiciar o apodrecimento de folhas e bulbo.

É boa prática, quando o novo bulbo já aguenta as folhas novas, ir removendo, muito cuidadosamente, essa bacia.

Waldemar Scheliga pede que agradecemos ao Pe. Marcelino as referências elogiosas ao Índice Remissivo que preparou para Orquídeário.

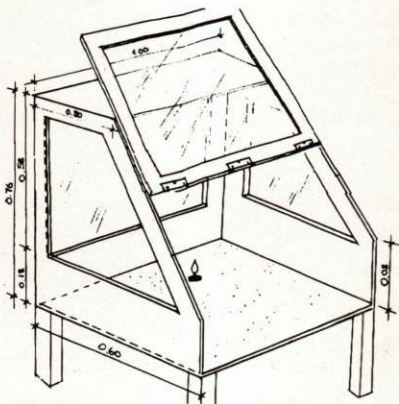
Editoria

P. Jayr Fregona Jr., de Vila Velha, Espírito Santo, faz consultas sobre a Caixa Estéril mencionada na série Merismas sobre Meristema.

R. Suas ideias para uma caixa estéril são exequíveis. Os dois elementos filtrantes, mencionados nos meus artigos, como hipóteses do Prof. Silvio Lopes Teixeira, devem localizar-se no fundo da caixa, confeccionando-se molduras que permitam prende-los firmemente e sem deixar qualquer greta por onde entrará contaminação.

A propósito, depois daquele artigo recebemos do Prof. Roberto Novaes, também da Universidade de Viçosa, um recorte da publicação *World Journal of Microbiology and Biotechnology* (vol.8/1992: 2, 331/332), contendo um texto assinado por H.J. Hoben e P. Somasegaran descrevendo projeto realizado na Universidade do Havaí, como parte de um projeto, criado pela USAID, sob a denominação NIFTAL Project-MIRCEN. O artigo tem o título de "Uma câmara simples de transferência para trabalhos assépticos com microrganismos." Nesse texto se contém um modelo de "capela" simples, prático, barato e eficiente.

Ai vai êle, em desenho livre de Heloisa Mesquita:



São as seguintes as instruções de operação: a) abrir a porta com dobradiças e lavar o interior com um antisséptico, como álcool etanol a 70%, deixando secar; b) ligar e acender o bico de Bunsen; a chama deve ser azul e não mais alta do que 6 cm; c) fechar a porta e esperar, ao menos, 10 minutos antes de começar a usar a caixa; d) depois de uso, fechar o gás e desconectar a mangueira do gás, porque isto previne escapamentos, devidos a alguma falha da válvula, e que possam causar explosão quando for aceso de novo o bico de Bunsen.

Raimundo Mesquita.

Besourinho das Orquídeas

P. Vem de Carlos Alberto Patrício da Silva, de Itambé, Pernambuco, um pedido de identificação, à base das amostras que remeteu, e de orientação no combate de praga que anda danificando as inflorescências de seus *Oncidium* e de suas *Cattleya labiata autumnalis*.

Quer, também, saber como adquirir números atrasados de Orquidário.

Formula, ainda, consulta sobre plantas que possui de *Oncidium*, a partir de hábito das folhas apicais, dizendo que amigos seus afirmam tratar-se de *Onc. barbatum*, embora uma só produza uma folha apical e a outra, duas.

R. 1. De fato, pelas amostras recebidas, trata-se do besourinho das orquídeas, *Diorymerus lepagei-monte*. É praga de combate fácil e que pode ser completamente erradicada, com alguns cuidados.

Qualquer bom inseticida de contato, do tipo de Malathion, Dipterex, etc., em aplicações, intervaladas, de 15 dias, deve resolver. Agora, o que é mais importante é a possível ocorrência de focos de cultura em algum canto escondido do seu orquidário ou próximo dele, onde a praguinha esteja pondo seus ovos e se reproduzindo.

A melhor prevenção é limpeza e arejamento do local de cultivo, além, é claro do estado fitossanitário das suas plantas. É boa prática uma desinfecção periódica, de bancadas, com água sanitária (removendo, antes as plantas é claro), seguida de uma pulverização geral de toda a área com inseticida e fungicida.

2. Para adquirir números atrasados de Orquidário, Pulchra, ou qualquer outra publicação da Orquidário, o sócio deve dirigir-se a Helena Eyer, Secretária-Geral, no seguinte endereço: R. Visconde de Inhaúma nº134, s. 933/934 - Centro, Rio, RJ.- 20.091-000, ou pelos telefones (021) 233-2314 e Fax (021) 253-5447.

Alguns números anteriores de Orquidário já estão esgotados: Vol. 3, nºs 1, 2 e 4, e Vol. 6, nº 2.

3. Sobre seus *Oncidium* pouco pode dizer-se, já que a informação é insuficiente. O ideal é que, quando elas estiverem floridas, você retire uma ou duas flores da cada e remeta, rapidamente, via postal, aos cuidados da Secretaria-Geral, para Carlos Eduardo de Britto Pereira, que poderá identificá-las.

Editoria

Sobre Cultivo

P. Maria Pires Porcaro, de Muriaé, Minas Gerais diz que possui um pequeno orquidário, construído sob orientação de José Alberto Lhamas, de Teresopolis, RJ. Descreve seu ripado e informa o que usa como substrato para suas plantas, fala do seu sistema de rega e do adubo que usa, para ao final formular a pergunta: "Por que as minhas orquídeas não florescem normalmente como as dos outros orquidários?" e, mais adiante: "Tenho plantas já adultas, como *Lc. Walter Slagle*, *Lc. Alfredo Martinelli*, *Blc. Noboru Suzuki*. Também possui plantas bonitas, com 5 a 6 frentes que só dão de uma a duas flores".

R. É um tanto difícil, Maria, opinar, assim, neste curto espaço e à distância e sem uma avaliação mais adequada do seu cultivo e outras circunstâncias, como as condições do seu orquidário: luz, umidade e aeração.

Pelo que você diz sobre rega e umidificação, vê-se que você seguiu bem os conselhos de José Alberto Lhamas, excelente cultivador e, melhor ainda, pessoa humana.

Pelas informações constantes da sua carta, parece que um dos seus problemas é a quantidade de luz que proporciona às suas plantas. Mas, este, vai ser um problema difícil de resolver, visto como, você cultiva uma variedade muito grande de gêneros e espécies que tem, entre si, necessidades marcadamente distintas, como são os casos, só para exemplificar, de *Phalaenopsis*, planta de sombra, e *Vanda*, que gosta de luminosidade intensa. Veja bem, em Muriaé, pelos indicadores que você fornece de temperatura, umidade e altitude, os dois gêneros deveriam ir muito bem, com florações pujantes, desde que atendidos os "hábitos" de cada uma.

Parece, aliás, que um dos seus problemas é a não especialização do que cultivar, segundo as condições de que dispõe. A sua coleção é variada demais, o que dificulta muito o cultivo e, mesmo, qualquer orientação que eu pudesse lhe dar. Cultivar, em pequeno espaço, *Cattleya*, *Miltonia*, *Phalaenopsis*, *Stanhopea*, *Brassavola*, *Oncidium*, *Gongora*, *Renanthera*, *Vanda*, para só exemplificar, é um desafio que só tem um perdedor, o cultivador.

Pouco mais posso dizer-lhe, a não ser conselhos genéricos:

1º - O seu adubo é muito usado no Brasil, mas é quase Nitrogênio puro e essa é uma das causas possíveis de floração insuficiente. O Nitrogênio é ótimo para o desenvolvimento vegetativo (Você diz que tem espécimes com 5 ou 6 frentes, o que é uma evidência), mas não para a floração. Caso não possa o não queira usar fertilizantes inorgânicos, industrialmente preparados, observe que no seu sistema de adubação

faltam Cálcio, Fósforo, Potássio, além de micronutrientes. Você pode melhorar o adubo orgânico que usa, adicionando à mamona, farinha de osso e cinza de madeira (3 partes, uma de cada).

2º - Se seus híbridos tem 4 ou 5 anos de idade, o fato de não florirem bem, não é nada demais, por ainda não terem atingido a idade adulta. Se você ganhou, ou comprou cortes deles, podem estar, ainda, se estabelecendo e adaptando às novas condições de cultivo. Agora, se são plantas adultas e já estabelecidas, que estão com você, a 4 ou 5 anos, cabe uma pergunta: "Você tem reenvasado nas épocas e tempo devidos?" Não

esqueça que os substratos, como fibra de xaxim, só servem por 2, até 3 anos, após o que ficam tóxicos e prejudicam (Dica, aliás, sobre *Phalaenopsis*, gosta de ter trocado o substrato todo ano).

Como você vê, haveria muita coisa para dizer e avaliar. Procure ler mais sobre cultivo. Leia bastante artigos específicos publicados em números antigos de Orquidário, como, também o Manual I da Orquidário, "Iniciação à Orquidofilia", que, aliás vai ter lançada, em breve, uma 2ª edição, revista e melhorada.

Roberto Agnes

14th WOC

14ª Exposição e Conferência Mundial

de ORQUÍDEAS.

Glasgow - Escócia, abril de 1993.

BEL AIR VIAGENS, agência credenciada pela Orquidário, estará oferecendo aos Sócios da Orquidário, seus parentes e amigos, pacotes especiais para assistirem à Exposição, com opcionais de visitas a centros orquidófilos da Europa e Estados Unidos.

Todos os Sócios da Orquidário receberão informações complementares pelo correio, ou por contato direto, com Gelda ou Violeta, pelos Tel. (021)292-1212 ou Fax (021)232-6040.

Pelas Livrarias

- Adhemar Manarini - Fotografia.

Editora Expressão e Cultura, EXPED Ltda. Rio, 1992, 128 pags.

- PUC, a Flora do Campus. Coord. do Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J. EXPED Ltda., Rio 1992, 71 pags.

- Amazonia Redescoberta no Século XVIII, de Alexandre Rodrigues Teixeira. Album publicado pela Biblioteca Nacional e Banco Real. Rio, 1992. 20 pags. soltas, 32 x 44. Acompanhado de 20 gravuras.

- Orquídeas Cubanas. 1ª Serie. Album com 15 Gravuras de Jorge Duporté. Sem data.

Neste número, mesmo, comentamos, incidentalmente, como é pequena a bibliografia brasileira sobre orquídeas. Dos quatro livros que constam desta resenha, apenas um é inteiramente dedicado a orquídeas e é o único não brasileiro, mas feito em Cuba, com 15 pranchas do pintor cubano Jorge Duporté.

Os demais versam sobre temas em que a orquídea aparece, por acaso, quando aparece, porque em algum momento foi objeto de atenção, como é o caso do primeiro e do terceiro referidos acima. Em outro, nem isso, como no album sobre a flora do Campus da PUC, trabalho muito interessante, feito em parceria pelo Departamento de Meio Ambiente e Geografia, daquela entidade educacional, com a EXPED e uma empresa industrial.

Trata-se de um levantamento da flora existente no campus, já que, como diz na Apresentação, o Reitor, "poucas universidades do Brasil gozam do privilégio de integrar em seu campus uma área com o perfil ecológico como o da PUC", e é enriquecido com aquarelas e fotografias de muito boa qualidade, em cuidada edição. No entanto, nesse rol da flora do campus, nenhuma orquídea é referida. Será que naquela enorme área, de 100.000 metros quadrados, revestida em suas encostas de mata pluvial atlântica, sabidamente rica em exemplares dessa família, não existirá nenhuma orquídea? É bem verdade que o levantamento se voltou, predominantemente, para espécies arbóreas e arbustivas, mas o título geral do livro promete mais e permitira esperar mais...

Já o livro dedicado a Adhemar Manarini como fotógrafo, nos deixa com água na boca. Não apenas pela beleza das fotos mostradas que marcam as diversas fases da atividade multifacetada daquele que, sem discussão, foi um dos maiores da orquidofilia no Brasil. E isto porque, num conjunto de 102 fotos, aparecem, só, 4 exemplares fotografias de orquídeas, sendo que uma delas é da famosa

Cattleya loddigesii punctata 'Marisa', que deu origem a uma linhagem de flores magníficas, que, finalmente, floriu, abundantemente, neste 1992, permitindo dizer que foram o grande sucesso do ano, como está demonstrado em PULCHRA nº 2.

Ficamos com água na boca sobretudo ao ler a informação quanto a que, do acervo fotográfico de Adhemar Manarini, constam 2.000 (dois mil!) diapositivos de orquídeas.

Fica, pois, aqui, um apelo à família Manarini e um desafio à EXPED. Por que não nos proporcionam um album dedicado à Orquídea na visão de Manarini?

Por falta de público não será. Num país em que a tiragem média de livros, com as exceções de estilo, não ultrapassa de cerca de 1.000 exemplares, só a OrquídaRio, com os seus, já hoje, mais de 1.200 sócios, oferece um público potencialmente comprador. Além disto, será um livro com grande apelo ao público orquidófilo internacional.

Queremos, ainda formalizar um pedido à família Manarini e seus frateros amigos, à Equipesca/Equilab: proporcionem aos Departamentos de Ensino, Pesquisas e Cursos da OrquídaRio, um conjunto de cópias dessas fotos de inestimável valor para nossos cursos de iniciação à orquidofilia, como, também, para nossa nascente Escola de Julgamento.

O album publicado pela Biblioteca Nacional sobre a Viagem Filosófica do bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazônia, faz parte de um projeto da instituição, a que seu Presidente, o poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna, deu o nome de "Resgate Cultural", permite visualizar o inestimável acervo de que se dispõe para pesquisa naquela biblioteca, fora do alcance e da curiosidade do grande público.

Obras, como essa, comemorativa dos 200 anos daquela exposição, 1792/1992, tem um importante papel, e não apenas o de trazer para o "profanum vulgum" (nós todos que não podemos compulsar esses manuscritos e pranchas raros, já fragilizados pelo passar do tempo) o conhecimento do muito que se levantou e estudou do país e que permanece oculto nos arcanos dos museus e bibliotecas, mas que precisa ser conhecido para que acabemos por descobrir que, como nação, temos um passado e dispomos da memória dele.

Pena é só que o Album, pela sua inevitável extensão reduzida, publique apenas algumas das 800 estampas, ainda inéditas, produzidas naquela expedição.

Quantas orquídeas existirão ali, além das gravuras de *Scuticaria steelii* Ldl., mostrada, como vinheta da capa, e em uma das magníficas pranchas que constam do album, e de *Psychmorchis pusilla* (sin. *Oncidium pusillum*), da pag. 9? É o que a OrquídaRIO pretende descobrir, dentro de um dos projetos que constam de sua programação editorial, como já foi divulgado.

De Cuba, nos chega um album de aquarelas do pintor Jorge Duporté, já conhecido dos nossos leitores, porque no número passado de OrquídaRio divulgamos uma de suas aquarelas.

Intitulado "Orquídeas Cubanas - 1ª Série", de

Editora que não conseguimos identificar porque da publicação consta apenas uma logomarca e não tem colofão, nem justificação de tiragem.

A referência a 1ª Série, faz supor que outras séries virão, enfeitando mais exemplares do importante trabalho iconográfico que, desde 1986, data das gravuras publicadas, vem executando esse pintor, particularmente dedicado à flora e, em especial, às orquídeas.

São enfeitadas neste volume:

Epicladium boothianum, *Cranichis muscosas*, *Domingoa haematochila*, *Cattleyopsis lindenii*, *Tetramicra eulophiae*, um extraordinário *Oncidium lemonianum*, *Hormidium cochleatum* (sin. *Epidendrum cochleatum*), *Oncidium leiboldii*, 2 *Encyclia* sp., *Encyclia phoenicea*, *Tetramicra urbaneana*, *Pleurothallis* sp., *Oncidium floridanum* e *Ionopsis utricularioides*.

Concurso de Fotografia e Desenho.

Encerra-se o ano orquidófilo de 1992 e, assim também, os nossos concursos deste ano.

Parece que os desenhistas e pintores não se animaram muito, estão na "muda" e encolhidos. Recebemos bem poucos trabalhos e embora alguns de qualidade razoável, nenhuma revelação, a pesar de alguns prometerem.

Já no terreno da fotografia, recebemos bastante material que deu à Comissão Julgadora um trabalho insano de julgar e classificar.

Três fotografos, porém, se destacaram, com larga distância, dos demais e, por isto, foram os escolhidos para ocuparem os primeiros lugares e declarados vencedores.

De Valentim Tavares Fernandes, de Santa Catarina, recebemos muitas fotos e, todas, invariavelmente de boa qualidade, com adequado uso da luz e bom sentido de composição, evidenciando um seguro domínio da fotografia, sobretudo quanto à seleção das flores escolhidas, especiais, o que, também, importa no julgamento, pois não basta ser um bom fotógrafo e ter correto domínio da técnica de fotografar. Com fotos de orquídeas, que são o grande tema da nossa Revista, há necessidade de uma visão seletiva muito apurada na escolha da flor.

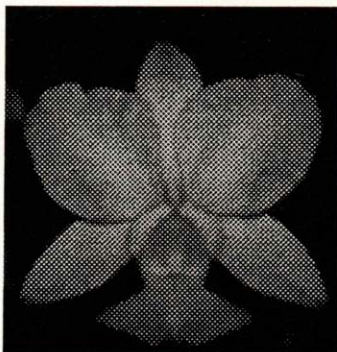
Valentim atendeu a todos os requisitos, vencendo o Concurso, em 1º lugar, principalmente por 2 fotos de *Cattleya walkerana* 'Feiticeira', que serão mostradas, a cores, em próximo número.

Em segundo lugar, ficou Gilson Tadeo Bernardochi, de São Paulo, pelas suas fotos de micro e pequenas orquídeas. Sobre suas fotos, vejam-se, neste número, alguns exemplos comentados por Raimundo Mesquita.

O 3º lugar coube a Leandro S. Nogueira Jr, do Mato Grosso, de quem publicamos uma bela fotografia na 4ª capa do número anterior, embora, no conjunto, e pelo material que nos remeteu, ainda apresente uma certa irregularidade entre acertos, que são muitos, e erros, particularmente no tocante à iluminação, escolha do tema e correção na grafia do nome e identificação das plantas.

Aos demais concorrentes, o agradecimento e o estímulo da Orquidário e o pedido de que continuem praticando, vendo boas fotos, estudando e selecionando belas flores. E, também, que continuem enviando fotos, já que o Concurso continua, agora em caráter permanente.

A COMISSÃO JULGADORA.



Valentim Tavares Fernandes

Cattleya walkerana 'Feiticeira'.

